

APAV<sup>®</sup>



Apoio à Vítima

# RECORTES DE IMPRENSA

JULHO 2018



APOIO





# APAV REVELA OS NÚMEROS DE VÍTIMAS REGISTRADOS EM 2017

A APAV assinalou o seu 28.º aniversário. Desde 1990, a missão da APAV mantém-se em apoiar a pessoa vítima de crime, e os seus familiares e amigos. Se na origem da associação esteve uma carência institucional e social do país, é no mesmo país, com outras carências, que a APAV continua em pleno a sua ação. Em 2018, a APAV já está estabelecida em 26 localidades, com 18 Gabinetes de Apoio à Vítima.

A associação apoiou, no ano passado, pessoas oriundas de 270 concelhos (dos 308 existentes). Só em 2017, a APAV realizou 40.928 atendimentos, firmados em 12.086 processos de apoio. Nestes processos, foi possível identificar 9.176 vítimas e 21.161 crimes. Nos crimes contra pessoas, os números da violência doméstica continuam a ser os mais expressivos (75.7 %). Mas outras formas de crime, como o bullying (0.5 %), começam a emergir nas estatísticas da associação, que também apontam para um crescimento de 19 %

do número total de atendimentos (entre 2015 e 2017). A associação salienta que o apoio prestado às vítimas é contínuo, indo muito além do momento do crime.

A APAV reconhece cada vez mais, na sua missão, a necessidade de combater as desigualdades estruturais da sociedade portuguesa - sejam com base no género, na orientação sexual, na etnia ou na faixa etária, entre outras. «Chegamos a cada vez mais homens, mulheres, idosos e crianças».

No que se refere a 2017, foram vítimas de crime: 944 pessoas idosas (+65 anos - em média 3 por dia e 18 por semana), 810 crianças e jovens (em média 2 por dia e 16 por semana), 5.036 mulheres adultas (em média 14 por dia e 97 por semana) e 775 homens adultos (em média 2 por dia e 15 por semana).

A APAV orgulha-se de afirmar que, em tempos conturbados no respeito pelos direitos humanos, pode continuar a contar com a colaboração de outras instituições e de centenas de voluntários/as e de apoiantes, que contri-

buem para a missão da associação. Com os 15 anos da Formação APAV, relembra-se também o trabalho na prevenção de todas as formas de violência, através da formação e da informação, com 865 ações formativas realizadas em 2017.

«Celebramos uma longa jornada, que levou ao reconhecimento nacional e institucional, de que é exemplo a atribuição da Ordem da Liberdade, em 2015. Celebramos o fortalecimento de um sistema independente, a nível nacional, de apoio psicológico, social e jurídico às vítimas de crime. Celebramos uma associação em desenvolvimento e a sua missão universal: apoiar todas as pessoas, todas as vítimas, bem como os seus familiares e amigos, de todos os tipos de crime».

Tendo em conta que, em 2017, 56,6 % dos atendimentos foram feitos via telefone, a APAV relembra os seguintes contactos:

Apoio online:

[facebook.com/APAV.Portugal](https://facebook.com/APAV.Portugal)

Linha de Apoio à Vítima:

116 006. ■ SS



## Justiça

### Violência doméstica sobe

**EM LISBOA** Entre abril e junho, os tribunais das zonas de Lisboa e das ilhas movimentaram mais de sete mil inquéritos relacionados com crimes de violência doméstica. E, segundo as estatísticas mais recentes da Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa (PGDL), divulgadas ontem, no segundo trimestre do ano o número de novos inquéritos aumentou: deram entrada 2.815, contra os 2.697 que chegaram aos tribunais de Lisboa e ilhas no primeiro trimestre do ano. Ainda segundo a PGD, de abril a junho foram deduzidas 501 acusações, que se juntam às 446 que tinham sido verificadas nos primeiros três meses do ano. As comarcas de Lisboa e de

Lisboa Oeste lideram o número de inquéritos entrados, com 950 e 868, respetivamente. Já na comarca dos Açores, iniciaram-se 297 inquéritos, enquanto que na da Madeira foram 246.

#### ARQUIVAMENTOS

Também entre abril e o final de junho, os tribunais de Lisboa e das ilhas arquivaram 1970 inquéritos por violência doméstica. Quase todos acabaram encerrados por falta de provas. No total, e segundo as estatísticas da PGD, transitam para o terceiro trimestre do ano 4337 processos pendentes, sendo que há 3148 que deram entrada no tribunal há menos de oito meses e 1189 registados há mais de oito meses. *Rosa Ramos*



**Violência # A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) celebrando o seu 28º aniversário, apresentou os números do trabalho que tem desenvolvido.**

## APAV faz balanço da violência

**E**sta associação, cuja principal missão é apoiar as vítimas, realizou 40.928 atendimentos, registando 9,176 vítimas e 21,161 crimes em 270 concelhos.

Os seus responsáveis salientam, que apesar dos casos de violência doméstica serem os mais recorrentes, citam os casos de bullying, nos quais se verificou um aumento de atendimentos, assim como a violência

contra idosos, que no ano de 2017 contava com 994 vítimas. Outro dos números revelados pela APAV, foram os 810 casos de violência contra crianças e jovens. No entanto, o maior número de vítimas diz respeito a mulheres adultas, rondando as 5036, enquanto que relativamente aos homens, apenas se registaram 775 denúncias. Diamantina Escoval, da Comissão de Protecção de Crianças e

Jovens, referindo-se ao concelho de Moura, considera que "a violência em geral não está grave, mas em relação a sinalizações de crianças e jovens envolvidas, em situações de violência doméstica, o aumento é preocupante."

Note-se que as situações reportadas pelas autoridades à CPCJ de Moura, têm aumentado, contando-se 109 processos activos e 25 crianças sinalizadas.



TRANCOSO

# Menor violado por outro utente de lar

**INSTITUIÇÃO** ➤ Adulto abusa de rapaz de 12 anos no interior de IPSS onde ambos viviam **MEDIDA** ➤ Juiz decidiu interná-lo em hospital psiquiátrico

TIAGO VIRGÍLIO PEREIRA

Um rapaz, de 12 anos, foi violado por um homem de 34, numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) da zona de Trancoso, no distrito da Guarda. Ao que o **Correio da Manhã** apurou, os abusos aconteceram dentro das instalações da instituição, durante o mês de abril. “Os dois eram utentes da instituição, que funciona como lar, e por isso recebe pessoas de várias famílias e idades. Agressor e vítima faziam toda a vida dentro daquelas paredes, como comer e dormir”, adiantou ao **CM** fonte da Polícia Judiciária da Guarda, que comandou a investigação.

O alerta para os abusos partiu de um funcionário da instituição, que denunciou o caso às

## ESTADO NÃO PROTEGEU CRIANÇA QUE ESTAVA INTERNADA À SUA GUARDA

autoridades. A Judiciária começou a investigar e na quinta-feira deteve o homem, de 34 anos, que estava desempregado. No mesmo dia foi presente a um juiz no Tribunal de Trancoso, que decidiu pelo internamento preventivo num hospital psiquiátrico como medida de coação. É suspeito de um crime de violação e outro crime de abuso sexual de crianças. A vítima continua a frequentar a IPSS. Não há qualquer relação familiar entre o agressor e a vítima.

A APAV recebeu no ano passado mais de 500 denúncias de



RICARDO CABRAL

## PORMENORES

### Desequilíbrio acentuado

O agressor, de 34 anos, já denunciava desequilíbrio do foro psíquico e por isso as autoridades não estranharam a medida de coação aplicada pelo juiz do Tribunal de Trancoso. Os abusos deixaram os utentes da IPSS apreensivos e em alerta.

crimes sexuais, entre as quais 175 relativas a crianças abusadas e outras 159 relacionadas com violações. Os números constam do Relatório de 2017 da APAV, que, no ano passado, recebeu um total de 621 denúncias e pedidos de ajuda relacionados com crimes sexuais, tendo sido identificadas 488 vítimas. ●

NOTÍCIA EXCLUSIVA  
DA EDIÇÃO EM PAPEL

**CORREIO**  
da manhã



## Gabinete de Apoio à Vítima com 219 crimes em 6 meses

Quase 70% dos casos são de violência doméstica

**ALENTEJO** Nos primeiros seis meses de funcionamento, o Gabinete do Alto Alentejo Oeste da Associação de Apoio à Vítima (APAV), já contabilizou mais de 60 vítimas de crimes, a quem deu apoio, sendo o crime de violência doméstica o que mais se destaca, de acordo com o relatório anual 2017.

Segundo Alexandra Gaio, gestora do Gabinete do Alto Alentejo Oeste, que tem sede em Ponto de Sor, a APAV recebeu, em 2017, ano da sua abertura, “presencialmente”, ou “por telefone”, 70 processos, num total de “219 crimes e outras formas de violência”, como seja o “bullying”.

Dos 219 praticados, 148 são crimes de violência doméstica, o que corresponde a uma percentagem de 68%, sendo os restantes de “dano e ameaça”, entre outros.

### MULHERES EMPREGADAS

Questionada sobre o tipo de vítima que recorre ao Gabinete do Alto Alentejo Oeste, Alexandra Gaio referiu serem, “na sua maioria mulheres, empregadas”, mas cuja dependência face ao agressor está relacionada com os filhos.

No Alto Alentejo a APAV tem sede em Ponte de Sor e trabalha em mais sete concelhos, designadamente Alter do Chão, Avis, Crato, Fronteira, Gavião, Nisa e Sousel, podendo a associação ser contactada presencialmente ou através da Linha de Apoio à Vítima: 116 006.

Os restantes concelhos do Alto Alentejo são servidos pelo Núcleo de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica do Distrito de Portalegre, gerido pela Cruz Vermelha Portuguesa. ●

ANA LUÍSA DELGADO



# Apoio à vítima

Ponte de Sor lidera tabela dos casos registados no Alto Alentejo

JORGE TRAQUETE  
ecosdosor.r@gmail.com

Entre maio e dezembro de 2017 o GAVAAO - Gabinete de Apoio à Vítima do Alto Alentejo Oeste da APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (que abrange os concelhos de Ponte de Sor, Alter do Chão, Avis, Crato, Fronteira, Gavião, Nisa e Sousel, prestou "apoio a 61 vítimas de crime". Nos oito concelhos, Ponte de Sor surge no topo dos casos sinalizados: 21. Os dados foram revelados numa altura em que a APAV celebra o seu 28.º aniversário e dizem respeito ao período compreendido entre a abertura do gabinete em Ponte de Sor (maio de 2017) e o final do mesmo ano. De acordo com Inês Lopes, assessora técnica do GAVAAO, durante este período, a APAV registou "70 processos e 61 vítimas diretas na área de

abrangência do gabinete". A responsável revela que "a maior parte dos casos que chegam ao gabinete, 67,6%, estão relacionados com violência doméstica".

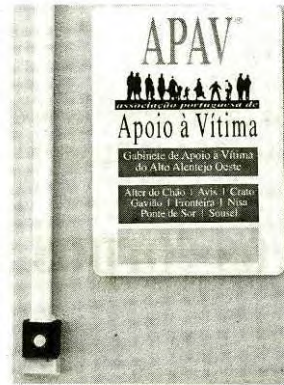
## Vítimas são na maioria mulheres, com 45 ou mais anos de idade

De acordo com o relatório a que o nosso jornal teve acesso, as vítimas são, na sua maioria, mulheres (56; 92%), entre os 45 e os 64 anos (16,4%). Têm, na maioria, como habilitações literárias o 3.º Ciclo do Ensino Básico. No que diz respeito ao principal meio de vida da vítima, cerca de 19% encontravam-se a trabalhar ou em situação de pensão/reforma. Ainda sobre a caracterização das vítimas, e de acordo com a estatística da APAV, a situação de violência surge, na maioria entre pessoas casadas (39,3%), com filhos (25,41%), e dependentes económica e/ou afeti-

vamente do agressor. A maioria dos casos ocorre na residência comum (50%). Do total de processos assinalados pelo GAVAAO, em 87% das situações sinalizadas verificava-se a existência de crime.

## Agressores são na maioria homens entre os 35 e os 44 anos

O contexto das relações de intimidade continua a sobressair no que diz respeito à relação da vítima com o/a autor/a do crime. As relações de cônjuge, companheiro/a, ex-cônjuge, excompanheiro/a, ex-namorado/a e namorado/a no seu conjunto totalizam 67,3% das relações existentes entre vítima e autor/a do crime. Os dados reportam ainda os números relacionados com os agressores. Segundo o relatório, são, na esmagadora maioria homens: 80% entre os 35 e os 44 anos (20,3%). Tal como no caso das vítimas, também o/a autor/a



do crime se encontrava maioritariamente no estado civil de casado (30,4%). Em cerca de 23% das situações, os agressores encontravam-se empregados. O relatório regista ainda que em cerca de 50% das situações, o local do crime mais referenciado em 2017 foi a residência comum (da vítima e do/a autor/a), seguindo-se o lugar/via pública (15,5%).

## Tendência de subida

Das situações que chegaram ao GAVAAO gabinete de apoio à vítima do Alto Alentejo Oeste em 2017, 44% foram alvo de queixa numa entidade policial. Inês Lopes, aponta, por seu lado, que o atendimento presencial tem "uma grande procura", enquanto os dados nacionais a via telefónica, representa 56,6% dos contactos.

Ainda assim, independentemente do contacto, o apoio da associação vai no mesmo sentido, tem como base "o apoio jurídico, psicológico ou no apoio social" às famílias vítimas de crime". A concluir, e ainda sem dados disponíveis relativos ao primeiro semestre de 2018, e pelo trabalho que tem efetuado no terreno, Inês Lopes, observa que "o número de casos que registados pelo GAVAAO desde janeiro aponta para uma tendência de subida face a 2017".

# Violência doméstica

Entre 2013 e 2016, a APAV registou 29.619 processos de apoio a vítimas de violência doméstica. Este continua a ser o crime com maior prevalência nas vítimas que recorrem à APAV: em 2017, 75,7% dos crimes registados contra pessoas foram de violência doméstica

## O que é?

A violência doméstica define-se como qualquer conduta ou omissão de natureza criminal, reiterada ou não, que inflija sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos ou económicos, de modo direto ou indireto, a qualquer pessoa que resida habitualmente no mesmo espaço doméstico; ou que, não residindo, seja cônjuge ou ex-cônjuge, companheiro/a ou ex-companheiro/a, namorado/a ou ex-namorado/a, ou progenitor/a de descendente comum; a alguém que esteja, ou tenha estado, em situação análoga; ou que seja ascendente ou descendente, por consanguinidade, adoção ou afinidade.

Atualmente, este é um **crime público**, isto é, envolve a obrigatoriedade de denúncia por parte dos serviços que dele têm conhecimento, podendo **qualquer pessoa denunciar a situação**.

## Quem é a vítima?

A violência doméstica implica a prática de um ou mais crimes no contexto de uma relação de parentesco, adoção, afinidade ou intimidade (ex: pais/filhos, avós/netos). Neste contexto, existem diferentes formas de violência:

- › violência emocional – qualquer comportamento que vise fazer o outro sentir medo ou sentir-se inútil (ex.: ameaçar, humilhar);
- › violência social – qualquer comportamento de controlo sobre a vida social do/a outro/a (ex.: impedir contacto com os familiares);
- › violência física – qualquer forma de violência física que o/a agressor/a inflija no outro/a (ex.: esmurrar, pontapear);
- › violência sexual – qualquer comportamen-



to em que o/a agressor/a force o outro à prática de atos sexuais contra a sua vontade (ex.: ameaçar / pressionar / obrigar a ter relações sexuais);

- › violência financeira – qualquer comportamento que vise o controlo monetário do/a outro/a sem que este o permita (ex.: controlar o ordenado);
- › perseguição – qualquer comportamento que vise intimidar o outro (ex.: seguir até ao local de trabalho, controlar os seus movimentos).

## Qual o impacto?

Sofrer um crime afeta cada pessoa de modo diferente. Pânico generalizado, estado de choque,

receio de morrer ou desorientação são reações comuns e normais nas vítimas de crime. Contudo, existe um conjunto geral de consequências de carácter psicológico, físico e social que se manifesta na vítima, podendo estender-se também às testemunhas do crime, bem como aos familiares e amigos da vítima (ainda que estes não tenham testemunhado o crime).

Estes efeitos, quer sejam de ordem física, psicológica ou social, podem manifestar-se através de diversos sintomas, tais como perda de energia, problemas digestivos, dores musculares, tensão arterial alta, pesadelos, tristeza, diminuição da autoestima, dificuldades de memória e de concentração.

## Que apoio está disponível?

Para apresentar queixa/denúncia do crime, a vítima/ou qualquer outra pessoa que tenha conhecimento do crime pode dirigir-se a uma esquadra da Polícia de Segurança Pública (PSP), a

um posto territorial da Guarda Nacional Republicana (GNR) ou fazê-lo junto dos serviços do Ministério Público (tribunal), devendo para tal solicitar um documento que comprove a queixa/denúncia efetivada.

Em caso de emergência, a vítima poderá ligar para o número nacional de socorro – 112.

Poderá ainda contactar a Linha Nacional de Emergência Social (144) – resposta social imediata e permanente a situações de emergência social, se necessitar sair de casa e não tiver onde ficar.

A vítima de violência doméstica tem direitos independentemente de ser portuguesa ou de nacionalidade estrangeira. A APAV disponibiliza ajuda de forma gratuita, confidencial, qualificada e humanizada, nomeadamente apoio emocional, psicológico, jurídico, realizando, sempre que necessário, o devido encaminhamento social, auxiliando as vítimas, seus familiares e amigos nas questões práticas de

todo o processo de apoio.

## GABINETE DE APOIO À VÍTIMA DE BRAGA

Rua de S. Vitor, 11 (Edifício Junta de Freguesia de São Victor)

4710-439 Braga

Tel. 253 610 091

apav.braga@apav.pt  
 Dias úteis: 10h00 - 13h00 / 14h00 - 18h00

LINHA DE APOIO À VÍTIMA 116 006 | Chamada gratuita | Dias úteis 09h-21h

*No âmbito das celebrações dos 25 anos, o GAV Braga publica um artigo de opinião por mês no Diário do Minho sobre as diversas áreas de atuação da APAV*



DIREITO  
A FUNDOAntónio  
Jaime Martins

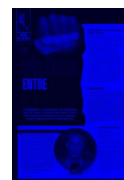
ADVOGADO

Violência  
doméstica

**S**egundo dados da APAV, entre 2013 e 2016, foram efetuados 29619 pedidos de apoio a vítimas de violência doméstica. Em 2017, 75,7% dos crimes registados contra pessoas foram de violência doméstica. A violência doméstica define-se como a ação ou a omissão, reiterada ou não, que inflija sofrimento de qualquer natureza a pessoa que resida habitualmente no mesmo espaço doméstico que o agressor, ou que, não residindo, tenha com o mesmo uma relação familiar ou análoga. Trata-se de um crime público, o que impli-

É NECESSÁRIO  
GARANTIR O  
ATENDIMENTO  
ESPECIALIZADO

ca a obrigatoriedade de denúncia por parte de autoridades ou serviços públicos e que pode (e deve) ser denunciado por qualquer pessoa que dele tenha conhecimento direto. Apesar de tudo o que se têm avançado na proteção das vítimas deste flagelo, sempre podemos pensar em fazer mais. É de extrema relevância a criação de departamentos próprios, autónomos e especializados nas esquadras da PSP, nos postos da GNR e nas secções do Ministério Público junto das Comarcas, que assegurem o atendimento especializado das vítimas, garantindo-lhes o devido encaminhamento e aconselhamento, a adequada recolha de prova, o absoluto segredo das denúncias e o apoio psicológico e social: ●



**Hernâni  
Carvalho**

NOTA: Por vontade do autor, este texto não segue as regras do novo acordo ortográfico



# VIOLENÇA CASAIS HOMOSSEXUAIS

## Dificuldade em identificar-se como vítimas

Independentemente da natureza sexual, os homens têm dificuldade em assumir-se como vítimas, diz o assistente social Carlos García, especialista em violência doméstica em Espanha. Nos casais homossexuais o tabu mantém-se, conforme conclui um estudo da escola de Medicina da Northwestern University, EUA (2014). “A violência doméstica é exacerbada porque casais do mesmo sexo têm de lidar com o stress adicional de pertencerem a uma minoria sexual. Isso leva a uma relutância em abordar questões ligadas à violência doméstica”, diz um dos autores do estudo, o psicólogo Richard Carroll.

## DENUNCIADO

O jornalista da TVI refere no seu Instagram que o seu agressor “está muitas vezes, muitas horas, a três metros” de si. Ou seja, será um outro profissional da TVI. Sem revelar a identidade do agressor, afirma: “Nunca consegui denunciá-lo, por receio, por vergonha, mas sobretudo por compaixão e para não estragar a vida a uma pessoa”. Jornalista de profissão, Emanuel Monteiro saberá que a violência doméstica é crime público e, portanto, ao publicar a denúncia numa rede social fez, de facto, uma denúncia formal dos factos.

## A violência é igual

A frequência da violência entre casais homossexuais é relativamente igual à dos heterossexuais, diz um estudo realizado na Universidade do Minho (Junho e Julho de 2008) pela investigadora Carla Machado. “Assim como os casais heterossexuais, os homossexuais recorrem, frequentemente, à violência como uma forma de lidar com os problemas e de expressar os seus sentimentos”.

## Do estalo ao espancamento

“Começou com um estalo e acabou com um espancamento, dentro da minha própria casa. Estava sem telemóvel, trancado, impedido de fugir ou de pedir ajuda. Estive à espera que o agressor abrisse a gaveta da cozinha e de lá tirasse uma faca para acabar com o que restava de mim.” A denúncia foi publicada esta semana por uma assumida vítima, que garante continuar a ter medo, apesar de a relação já ter terminado. “Fiquei gelado de medo, morto de espírito enquanto era agredido sem dó nem piedade. Não consegui, sequer, defender-me”, escreveu o jornalista da TVI Emanuel Monteiro no seu próprio Instagram.



**EMANUEL  
MONTEIRO**



## CIÚMES, DISCUSSÃO E FACADAS

André e Miguel tinham acabado uma relação, ilustrada nas redes sociais com fotos de ambos em ambiente de grande cumplicidade. Reencontraram-se num dos bares da zona das "Galerias de Paris" na madrugada de quarta-feira, dia 18. Apesar do fim da relação, André, 27 anos, continuava a ter uma forte atracção sentimental por Miguel. Terá tido um acesso de ciúmes ao ver Miguel, 21 anos, com uma namorada. Primeiro uma discussão e depois o confronto, já fora do estabelecimento. Miguel regressou a casa e foi aqui que foi esfaqueado por André. Já depois das facadas, agressor e vítima ainda se envolveram em luta pelas escadas abaixo. Ensanguentado, Miguel caiu no asfalto da Rua de Fernandes Tomás, no centro do Porto. Ao vê-lo, um motociclista bloqueou a rua e chamou o INEM. Mas Miguel Ribeiro já falecera. O seu corpo será autopsiado no Instituto de Medicina Legal do Porto.

**Biologia, violência e mito**  
Independentemente da sexualidade de cada um deles, os índices de testosterona no confronto entre dois machos são sempre muitos superiores do que no confronto entre duas fêmeas ou do que no confronto entre uma fêmea e um macho. Seja nos animais seja entre humanos. A violência entre casais homossexuais será mais acentuada por estarmos em presença de indivíduos com os mesmos padrões biológicos. Quanto à frequência de violência em casais homossexuais ou heterossexuais, o número de ocorrências será parecido. Mas não há ainda números estudados a nível nacional.

## FUGA E PRISÃO... PREVENTIVA

André fugiu da Rua Fernandes Tomás, eram 5.30 horas. Deambulou pelas ruas do Porto até chegar a casa de outro amigo, onde, pouco depois foi preso pela PJ. Evidenciava várias marcas no corpo, talvez sinais da luta recente. Aos inspetores, disse que não se recordava de tudo, mas sempre foi contando que a vítima o agrediu primeiro e que ele só quisera defender-se. Levado a uma juíza, contou depois que quando entrou na casa de Miguel, este ainda o mandou sair, mas que a discussão azedou. E contou que foi buscar uma faca de cozinha com a qual golpeou Miguel, para se defender. A juíza considerou que o ataque foi desproporcionado e fútil e mandou André para a prisão... preventiva.

**A única diferença**  
O *outing* é talvez a única marca que distingue os casais homossexuais em ambiente de violência doméstica. Trata-se da violência psicológica por ameaçar revelar, ou mesmo revelar, a orientação sexual do parceiro. A ameaça serve de instrumento de controlo da vítima.

## TUDO IGUAL

"A violência em casais do mesmo sexo é tão frequente como a violência em relacionamentos entre pessoas de sexo diferente", lê-se no site da APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

## CRIME PÚBLICO

Em 2017, foram registados 22.599 crimes de violência doméstica (RASI2017), mas esta classificação engloba "maus tratos sobre menores, incapazes ou cônjuges". Sem olhar à forma sexual da composição dos casais, a lei portuguesa confere à violência doméstica o estatuto de crime público. O que significa que nem carece de denúncia. Basta que o facto chegue ao conhecimento das autoridades.



## MORTO À PANCADA EM RELAÇÃO GAY

Porto, 6 de Fevereiro. O Tribunal São João Novo, no Porto, condenou a 14 anos de prisão um homem que matou outro (em 2016) com quem mantivera uma relação amorosa. A vítima foi atacada na própria casa, no Porto, com mais de dez pancadas com uma chave-inglesa. O agressor, de 27 anos, foi ainda condenado a pagar uma indemnização de 50 mil euros à família da vítima, Carlos Brandão, de 45 anos.

**"Discriminação tripla"**  
Erradamente, há quem considere a violência física uma característica masculina. Ou seja, menos provável nas relações lésbicas. Erro. Primeiro, são mulheres, depois são lésbicas (ou bissexuais) e ainda são vítimas de violência doméstica. É a "discriminação tripla" que encerra os casais homossexuais femininos. A esta invisibilidade acresce o silêncio social em torno das mulheres agressoras.



## SOCIEDADE FAMÍLIA

Polémica Petição defende que crianças vivam alternadamente com os pais. Alteração à lei será discutida em setembro

# AR resiste a impor residência alternada após divórcio



A petição pretende que a partilha do tempo de residência da criança entre os dois progenitores seja de 33% a 50%  
FOTO GETTY IMAGES

CAROLINA REIS

**A**inda é cedo para posições definitivas, mas a maioria dos partidos não pensa alterar a lei que regula o exercício das responsabilidades parentais em caso de divórcio, impondo como regra a residência alternada das crianças, como pretende uma petição que reuniu cerca de 4200 assinaturas e que deverá ser discutida no Parlamento em setembro.

Entregue este mês pela Associação Portuguesa para a Igualdade Parental e Direitos dos Filhos (APIPDF), a petição em prol da presunção jurídica da residência alternada defende que este deve ser o regime aplicado, por defeito, em todos os casos de regulação do poder paternal, a não ser que se prove que não é a melhor solução para os menores. Atualmente, a lei permite que os filhos de casais separados fiquem a viver alternadamente com a mãe e com o pai, mas esse está longe de ser o modelo mais aplicado pelos tribunais. O mais comum é as crianças ficarem a residir com a mãe e passarem fins de semana alternados com o pai, além de um dia por semana e 15 dias de férias.

A lei é omissa, estabelecendo apenas que "o tribunal determinará a residência do filho e os direitos de visita de acordo com o interesse deste" (ver caixa). "Ao contrário do que acontece noutros países, o texto legislativo não é claro. Mas é o entendimento de 99% dos juízes que [este modelo] pode ser decretado com ou sem acordo dos pais", diz Maria Perquilhas, juíza formadora do Centro de Estudos Judiciários (CEJ), frisando que, neste momento, menos de metade dos casais em processo de separação ou divórcio pede que seja aplicada a residência alternada.

Fica ao critério do juiz qual o regime a aplicar, havendo visões diferentes, sobretudo em casos de conflitualidade conjugal. Num acórdão do Tribunal da Relação de Lisboa de janeiro deste ano, por exemplo, duas desembargadoras defendem que a residência alternada "só é compatível com uma situação em que se verifica uma particular interação entre os progenitores, um relacionamento amistoso entre ambos, bem como uma razoável proximidade entre os locais onde habitam", o que não é consensual.

Para Elza Pais, deputada do PS, "a legislação é boa" e já prevê a possibilidade da residência alternada. "Mas estamos sempre abertos a melhoramentos", diz. Do lado do PSD, Teresa Morais, deputada e ex-secretária de Estado da Igualdade, defende, em nome pessoal, uma posição semelhante. "A lei já dá essa possibilidade, o que me levanta reservas é a questão da presunção jurídica, pois tem de se fazer prova de que aquela não é a melhor solução". Sandra Cunha, do Bloco de Esquerda, concorda que a atual lei é "equilibrada". PCP e CDS não têm ainda opinião formada.

A petição lançou o debate. "A residência alternada é importante para a igualdade parental. É bom para as crianças, para os pais e para as mães. O que queremos é estabelecer como regra principal", defende Ricardo Simões, presidente da APIPDF.

A iniciativa invoca uma recomendação do Conselho da Europa, que solicita os Estados-membros a "introduzir na sua legislação o princípio da residência alternada" e o Livro Branco da Igualdade de Género. Mas foi mal recebida por mais de 20 associações, entre elas a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) e a Associação Portuguesa de Mulheres Juristas (APMJ), que subscreveram uma carta aberta defendendo que a

presunção jurídica poderia colocar em risco vítimas de violência doméstica e de abuso sexual.

## Diabolizar o homem

A polémica estalou. O cronista Daniel Oliveira acusou as associações de lançarem uma suspeita sobre os homens, opinião semelhante à defendida por Luís Aguiar Conraria num artigo do "Observador" no qual acusava as organizações de misandria, desprezo e preconceito contra os homens. E surgiram posições surpreendentes, como a de Ana Matos Pires, psiquiatra e feminista ligada ao Coletivo Capazes, uma das associações que subscreveram a carta, que se colocou ao lado da petição, alegando que esta "promove o superior interesse da criança".

Joaquim Manuel Silva, juiz no Tribunal de Famílias e Menores de Mafra, é um dos poucos magistrados que, por regra, aplica a residência alternada — regime que decretou em metade dos seus processos. "É o melhor para o desenvolvimento da criança. A polémica surge porque o movimento feminista quer ganhar poder ao homem. Os ca-

sos de violência são poucos. Há uma tentativa de diabolizar o homem."

O magistrado considera que em casos de violência doméstica é preciso distinguir se o agressor está centrado na vítima ou nas crianças. "Há que ver de que tipo de violência se trata. Por exemplo, se se trata de um homem que se passou e deu uma 'lapada', eu não sei se isso é violência doméstica ou ofensa à integridade física."

Do lado das associações que assinaram a carta aberta, a APAV esclarece que a oposição é à proposta de presunção jurídica e não à residência alternada. "Não se pode abordar este tema na sua generalidade sem considerar as situações que, não sendo a maioria, existem de grave violência doméstica e intrafamiliar. Lidamos todos os dias com decisões dos tribunais que revelam falta de bom senso no que diz respeito à proteção das vítimas de crime e de violência doméstica. Há juízes de família que solicitam ao tribunal criminal que levante medidas de coação de proibição de contactos ou de visitas de crianças em casas de abrigo", explica Frederico Moyano Marques, jurista da APAV.

Também Aurora Rodrigues, vice-presidente da direção da APMJ, sublinha que "há situações de violência que são difíceis de investigar e provar, o que impõe muito cuidado na regulação das responsabilidades parentais".

Daniel Sampaio, psiquiatra e terapeuta familiar, considera que nenhum modelo pode, à partida, ser considerado o melhor, mas defende que a residência alternada é o que mais se aproxima da família intacta. "O conflito entre os pais não é razão para impedir, desde que seja possível combinar como se vai efetuar. Cabe ao tribunal averiguar caso a caso." Já Pedro Strehl, pedopsiquiatra, defende que não existem regras únicas. "Muito menos uma que subentenda a obrigatoriedade de residência alternada."

cbreis@expresso.imprensa.pt

## P&R

### Guarda partilhada e residência alternada são a mesma coisa?

Não. A guarda — uma expressão que já não consta da lei mas que continua a ser usada — refere-se ao poder de tomar decisões importantes sobre a vida do menor, como a religião, a educação, a saúde e a fixação do domicílio. É o chamado exercício das responsabilidades parentais. Pode ser partilhada, com os dois pais a tomarem as decisões em conjunto, ou ser atribuída a apenas um deles. A guarda partilhada não implica que a residência seja alternada. O exercício das responsabilidades parentais pode ser conjunto, mas a criança pode viver apenas com um dos pais e ter visitas com o outro.

### O que diz a lei?

O princípio geral é de que o exercício das responsabilidades parentais cabe aos dois pais. Independentemente de existir acordo, as decisões importantes da vida do menor são tomadas em conjunto, a não ser que o superior interesse da criança exija que sejam tomadas só por um dos progenitores. A decisão cabe ao juiz. Já as decisões relativas aos "atos da vida corrente" da criança cabem ao progenitor com quem ela reside habitualmente ou com quem se encontra temporariamente.

### A lei portuguesa permite a residência alternada?

Sim. Apesar de não falar em residência alternada, a lei diz que cabe ao tribunal decidir em harmonia com o interesse do menor, "incluindo o de manter uma relação de grande proximidade com os dois progenitores, promovendo e aceitando acordos ou tomando decisões que favoreçam amplas oportunidades de contacto com ambos e de partilha de responsabilidades entre eles". É este princípio geral que leva a esmagadora maioria dos juízes a entender que o regime de residência alternada pode ser decretado mesmo que não haja acordo entre os pais.

### Como é na Europa?

Na Europa há países onde a lei é mais clara do que em Portugal. No Reino Unido, o regime de residência alternada está estabelecido desde 1989 como uma opção possível. Em França foi equiparado à residência única em 2002, e o mesmo aconteceu na Bélgica em 2006. Na Alemanha, Irlanda, Itália, Mónaco, Noruega e Suécia está dependente de acordo entre os progenitores. "Em Portugal, pouco se sabe sobre a expressão e a diversidade social da residência alternada. Mesmo nos países onde esta modalidade de coparentalidade é mais aplicada, ainda é escassa a informação sobre este exercício da parentalidade, assim como sobre a forma como os pais e mães a organizam, negociam e põem em prática", explica a juíza Maria Perquilhas.

**A LEI É OMISSA, ESTABELECEndo APENAS QUE "O TRIBUNAL DETERMINARÁ A RESIDÊNCIA DO FILHO E OS DIREITOS DE VISITA DE ACORDO COM O INTERESSE DESTA"**

## Nas Asas da Igualdade



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

## Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS



## A Artista Maria José Cavaco, o Tempo e a Arte nos Açores

Numa altura em que cada vez mais pessoas procuram os Açores, continuamos a ver o lugar da mulher na cultura local, neste Ano Europeu do Património Cultural. Até junho, numa abordagem coletiva, vimos as tradições e festas que abriam a vida do povo açoriano. Passando agora para pessoas individuais, damos voz à artista plástica Maria José Cavaco, que fez de São Miguel a sua casa em 1990 e escreveu na coletânea A Mulher nos Açores e nas Comunidades sobre o impacto das ilhas na sua arte:

Quando se vem aos Açores, há três coisas que me parecem extremamente marcantes – a frequência com que se fala do tempo (nos dois sentidos do vocábulo português), a noção de espaço e a nitidez da luz. Nas ilhas, é importante haver bom tempo, mas não se deixa de fazer nada por haver mau tempo; por outro lado, parece haver tempo para tudo.

Não há fronteiras muito definidas, porque a fronteira se situa algures no meio do oceano; a pequenez do espaço de terra, nas ilhas, permite que tudo se faça rapidamente; quando é preciso levais mais tempo, criam-se curvas e contracurvas na estrada. Quando o tempo está de feição, a nitidez da luz individualiza e distingue as pessoas.

Nos Açores, com distanciamento, procurei encontrar o espaço e o tempo para conseguir desenvolver, distinguir e reconhecer o meu trabalho artístico...

A arte dá-nos a ilusão de podermos o que não podemos; isto é, sairmos do nosso próprio corpo, sermos outra coisa, ultrapassar-nos a nós próprios, mover montanhas. É uma forma de conhecermos melhor a nossa condição humana – de compreender os seus limites. ♦

## Violência contra idosos?! Diga NÃO a qualquer tipo de violência!

Constitui um ato de cidadania denunciar situações de maus tratos

MARLENE ALMEIDA  
PSICÓLOGA

Em Portugal, a 26 julho, celebra-se o dia dos Avós. A sua comemoração tem por objetivo demonstrar carinho e agradecer o seu apoio e dedicação à família e mostrar o quanto são importantes para os seus familiares.

Infelizmente, segundo um estudo da Organização Mundial de Saúde (OMS), que contou com a participação de 53 países, revelou que Portugal é um dos países com maior taxa de violência sobre os idosos (39%). De acordo com o relatório da APAV, no ano de 2017, foram identificadas 944 vítimas idosas, o que se traduz em 18 vítimas por semana, na sua maioria mulheres (78,8%), reformadas (68,5%) e cuja idade de ronda os 75 anos. A violên-



cia contra os idosos pode assumir várias formas, desde a violência psicológica, violência física, violência económica, violência sexual à negligência e abandono. Estas situações de violência podem acontecer nas suas próprias casas, na casa de familiares e até mesmo em lares.

Este ano, numa conferência sobre "Reaprender a Idade: Contributos Interdisciplinares" a Dr.ª Antonieta Dias, médica e vice-presidente da Comissão de Proteção ao Idoso, salientou que Portugal é o país da Europa que menos investe nos idosos, descurando assim dos

## A Mãe da Mãe

Enquanto os olhos do mundo estão no bebé que acaba de nascer, a mãe da mãe enxerga a filha, recém-parida. O papel de avó pode esperar, pois é a sua menina que chora, com os seios a vaziar. (...) Toda mãe recém-nascida precisa dos cuidados de outra mulher que entenda o quanto esse momento é frágil. A mãe da mãe pode ser uma irmã, sogra, amiga, doula, vizinha, tia, avó, cunhada, conhecida. O fato é que o puerpério necessita de união feminina, dessa compreensão que só outra mãe consegue ter.

FRAGMENTOS DO TEXTO  
(AUTORA DESCONHECIDA)

seus deveres no que respeita à defesa dos direitos humanos, dos direitos dos idosos e, sobretudo, na defesa da cidadania.

Posto isto, qualquer pessoa que saiba ou suspeite que um idoso está a ser vítima de violência tem a obrigação de denunciar! ♦

## Julho de 2018

## Janela sobre o passado...

Na outra margem do Atlântico, nos EUA, as dinâmicas feministas, ainda que imbuídas de influências europeias, foram mais precoces e adquiriram características próprias. Desde o início estiveram associadas aos movimentos contra a escravatura e ao reformismo religioso e moral (de matriz protestante), o que implicou o envolvimento maciço de mulheres, assim como a politização do próprio feminismo. A consolidação da classe média urbana e o elevado número de mulheres alfabetizadas (graças à promoção da leitura individual nas práticas religiosas), tornaram-se outras das causas da especificidade do feminismo norte-americano.

Em 1848, no mesmo ano da publicação do histórico e revolucionário Manifesto Comunista, de Karl Marx e Engels, foi divulgada a Declaração de Seneca Falls, um dos mais emblemáticos docu-

SUSANA  
SERPA SILVA

mentos coletivos do movimento feminista dos EUA e que surgiu na sequência dos acontecimentos ocorridos, em 1840, em Londres, por ocasião da reunião do Congresso Mundial contra a escravatura. Neste evento, foi impedida a presença das delegadas femininas pelo

facto da organização considerar que não tinham uma resistência física apta para reuniões públicas. A indignação das delegadas norte-americanas - entre elas Elizabeth Cady Stanton e Lucretia Mott - impeliu-as a convocar a Convenção de Seneca Falls, que se pode considerar o momento fundador do movimento feminista norte-americano. A Declaração então produzida demonstra a forte consciencialização alcançada por um extenso número de mulheres e formulou, pela primeira vez, uma filosofia feminista que denunciava as discriminações que, no decurso da História,



Foto de uma reconstituição apresentada no Parque Histórico Nacional dos Direitos da Mulher

tinham sido infligidas pelos homens às mulheres, assim como apresentava um programa de reivindicações que se pode sintetizar em: igualdade de salários e de opções laborais, direito à liberdade, à propriedade e à participação política, acesso à educação, igualdade no matrimónio e abolição da dupla moral sexual e, por fim, a eliminação da supremacia masculina. Em suma, a palavra de ordem era a da emancipação da mulher. ♦



# BE admite licença paga de dez dias a vítimas de violência doméstica

Medida foi aprovada esta semana na Nova Zelândia e APAV gostaria de ver esta possibilidade transposta para a legislação portuguesa. BE admite analisar a possibilidade de avançar com proposta nesse sentido

**Protecção social**  
Natália Faria

A possibilidade de as vítimas de violência doméstica usufruírem de uma licença paga de dez dias úteis para poderem deixar os parceiros, encontrar uma nova casa e reorganizarem o quotidiano de forma a protegerem-se e aos seus filhos “faz todo o sentido no ordenamento jurídico português”. Assim, o Bloco de Esquerda (BE) admite, como adiantou ao PÚBLICO a deputada Sandra Cunha, “analisar essa possibilidade, alargando-a eventualmente a vítimas de outros tipos de crimes”.

Na passada quarta-feira, a Nova Zelândia aprovou uma lei que concede essa possibilidade. Com entrada em vigor prevista para Abril, a nova legislação estipula que qualquer pessoa que sofra de violência doméstica pode tirar até dez dias de licença paga no trabalho, a qual se poderá somar a eventuais baixas médicas e às férias. As vítimas terão ainda direito a mudar o *email* profissional e a pedir a retirada dos seus contactos do *site* da empresa em que trabalham.

A Nova Zelândia tem das mais elevadas taxas de violência doméstica nos países desenvolvidos. Segundo a BBC, metade dos homicídios registados no país ocorrem em contexto de violência doméstica e uma em cada três mulheres declaram-se vítimas de abuso físico ou sexual por parte dos parceiros pelo menos uma vez.

A possibilidade de as vítimas poderem usufruir desta licença paga não é inédita. Nas Filipinas, este direito está consagrado na lei desde 2004. E a adopção de uma medida semelhante também vem sendo discutida na Austrália.

E quanto a Portugal, onde, a crer nos números da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) relativos ao ano passado, 14 mulheres são vítimas de violência doméstica em média por dia? “A lei já prevê algumas medidas de protecção no emprego e no trabalho, nomeadamente quando estipula que as faltas no âmbito de processos de violência doméstica são justificadas, mas pare-



MANUEL ROBERTO

**As empresas têm todo o interesse em ajudar uma vítima de violência doméstica, defende especialista**

vel avançar para uma solução deste género”, reagiu a deputada Sandra Cunha, acrescentando que o BE “está disposto a analisar a possibilidade” de propor uma medida similar.

O presidente da APAV, João Lázaro, concorda e acrescenta que “dez dias são um prazo razoável para que a vítima possa tratar da burocracia referente à mudança de casa, à inscrição de crianças numa nova escola...”. Para este responsável, a licença deveria ser devidamente monitorizada e fiscalizada porque “obviamente não poderia aplicar-se a actos menores de violência doméstica”.

Na Nova Zelândia, a votação foi renhida: 63 votos a favor e 57 votos contra, com os detractores a alegarem que, além de acarretar um custo significativo para as pequenas e médias empresas, a licença poderia dissuadir os empregadores de contratar vítimas de violência doméstica. “Parece-me exagerado e fora do contexto”, critica Sandra Cunha.

“As pessoas não trazem nenhum letreiro que as aponte como vítimas e, por outro lado, uma empresa tem todo o interesse em ajudar uma vítima de violência doméstica a sair da situação em que se encontra, porque é sabido que estas pessoas são menos produtivas, ficam mais vezes doentes e recorrem mais aos serviços de saúde”, reage, por seu turno, Ilda Afonso, directora técnica de um centro de atendimento para vítimas de violência doméstica no Porto.

Em casos que lhe passaram pelas mãos, Ilda Afonso diz ter sido necessário contactar as respectivas entidades patronais “pedindo-lhes que retirem os contactos das vítimas do *site* e que não os divulguem”, o que, na ausência de obrigatoriedade legal, está dependente da boa vontade patronal. Explica que, em Portugal, “há respostas de última linha, como as casas-abrigo que são importantíssimas, e agora existem os acolhimentos de emergência mas é preciso lembrarmo-nos de que, muitas vezes, as vítimas saem de casa e quem fica com tudo, nomeadamente com o controlo da conta bancária conjunta, é o agressor”.

natalia.faria@publico.pt



## Um minuto da vossa atenção, por favor

**D**iz-se por aí que a cada minuto chega ao mar um camião de plástico, que são usados 65 mil barris de petróleo em todo o mundo, que 300 mil toneladas de gelo derretem na Antártida. Diz-se por cá (contas da APAV) que a cada dia, com os seus diários 1440 minutos, 14 mulheres são vítimas de violência doméstica. As contas fazem-se em segundos: enquanto os dias tiverem tantas vítimas para tão poucos minutos, continuaremos a pedir-lhe um pouco do seu tempo.

### ONLINE, OFFLINE, SEMPREMLINHA

Um minuto é também o tempo médio que dedicamos à leitura de um artigo *online* ou, se preferir, a duração de uma sessão. Um minuto, mais coisa menos coisa, quase sempre menos coisa, é a resistência do foco e da atenção. Há mesmo sites que já anunciam com o que pode contar, como quem alumia uma via-sacra e sugere calmante para os impacientes: «tempo de leitura estimado: x minutos». Agora que já lhe pedimos sessenta segundos de atenção, damos-lhe sessenta páginas que tentam acrescentar alguma coisa aeste tempo, ao tempo de todos. Quando chegar ao fim, recomece do princípio, a cada minuto. Como nós também o fazemos, dia sim, dia sim, em [www.delas.pt](http://www.delas.pt).

MARIA RAMOS SILVA  
EDITORA



Leia mais

## O que aí vem em [www.delas.pt](http://www.delas.pt)



### Estes sapatos foram feitos para ajudar

Vamos querer calçar projetos como este. A marca de calçado portuguesa Josefinas aliou-se à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) na luta contra a violência doméstica através de sapatilhas solidárias. O resultado é a coleção You Can Leave e por cada par vendido (298 euros) a marca de calçado compromete-se a ajudar cinco mulheres vítimas de violência doméstica. O montante angariado destina-se às Casas de Abrigo da APAV para que mulheres em perigo tenham acesso a necessidades básicas e apoios jurídicos, sociais e psicológicos durante um mês.

### COM QUANTOS PAUS SE FAZEM DUAS CAMPEãs

Teresa Portela e Joana Vasconcelos foram medalha de ouro nos Europeus de Canoagem e querem elevar a fasquia no Mundial, que decorre em Montemor-o-Velho entre 22 e 26 de agosto. Falámos com a dupla.

### Regresso às aulas

Qualquer pai sabe que setembro começa em agosto. Fazemos-lhe as cábulas para se organizar com as matrículas, os manuais escolares e os horários.



## À CONVERSA COM JANE TELLER

De passagem por Lisboa, a escritora dinamarquesa desafia-nos a ocupar o lugar dos imigrantes que todos os dias desembarcam na Europa. A antiga responsável por missões de paz nas Nações Unidas traz a Guerra a Portugal.



# APAV e Josefinas unidas contra a violência doméstica

A APAV e a Josefinas associam-se para o lançamento da campanha "You Can Leave", juntando-se pela primeira vez na luta contra a violência doméstica.

Para apoiar as vítimas de violência, a marca portuguesa de calçado desenhou os modelos de ténis Leave, Speak e Strong, que já podem ser

encontrados na loja online da Josefinas.

Cada um destes modelos reaproveita os símbolos usados nos cuidados a ter com a roupa, redefinindo-os com outros significados para as relações interpessoais - como "não controlar", "não culpar", "não intimidar", "não envergonhar" e "não magoar".

Daniel Cotrim, supervisor técnico da rede nacional de Casas de Abrigo da APAV, sublinha o "reforço positivo" da campanha junto de quem decide sair de um processo de violência. Num país em que, por dia, 14 mulheres são vítimas de violência doméstica, "a campanha You Can Leave é uma mensagem de for-

ça e de esperança para todas as vítimas em silêncio", sublinha Daniel Cotrim.

Além da mensagem de apoio às vítimas de violência, a campanha assinada pela Josefinas reverte a favor da APAV. Cada par vendido possibilita à associação o apoio a cinco vítimas de violência doméstica, durante um

mês, nas Casas de Abrigo da APAV.

A campanha "You Can Leave" prolongar-se-á durante um ano, e conta com o apoio de figuras públicas como Ana Sofia Martins e Vanessa Martins. A página da campanha "You Can Leave" pode ser encontrada no sítio da Josefinas. ■

Delas

## APAV e Josefinas juntas contra a violência doméstica

Delas

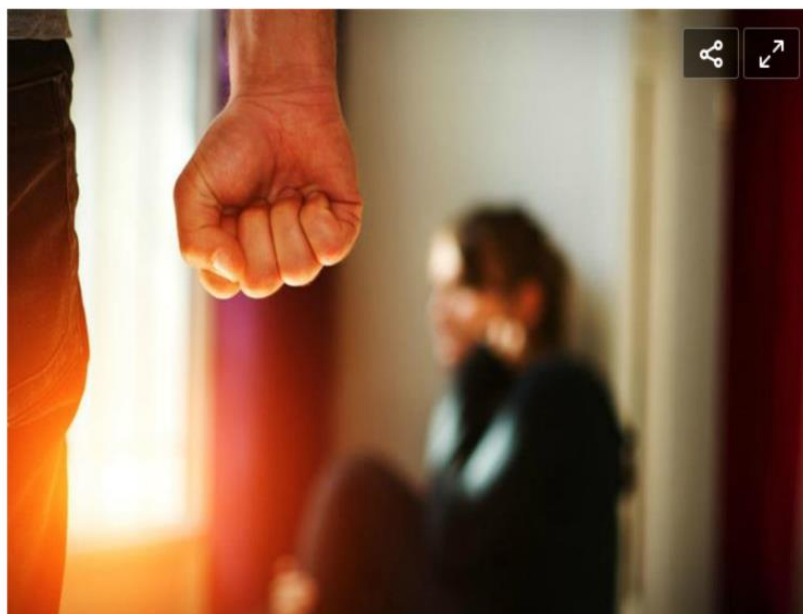
Ontem às 09:01



COMENTAR

TÓPICOS

Atualidade



A APAV e a Josefinas uniram-se, pela primeira vez, na luta contra a violência doméstica, através do lançamento da campanha You Can Leave. Para apoiar as vítimas de violência, a marca portuguesa de calçado desenhou os modelos de ténis Leave, Speak e Strong, que já podem ser encontrados na loja online da Josefinas. “Cada um destes modelos reaproveita os símbolos usados nos cuidados a ter com a roupa, redefinindo-os com outros significados para as relações interpessoais – como “não controlar”, “não culpar”, “não intimidar”, “não envergonhar” e “não magoar”, lê-se no comunicado de imprensa. Num país onde, por dia, [...]

Para saber mais clique aqui: [www.delas.pt](http://www.delas.pt)

## APAV e Josefinas associam-se contra a violência doméstica

24 JULHO 2018



A **APAV** e a **Josefinas** associam-se para o lançamento da campanha **You Can Leave**, juntando-se pela primeira vez na **luta contra a violência doméstica**.

Para apoiar as vítimas de violência, a marca portuguesa de calçado desenhou os modelos de ténis Leave, Speak e Strong, que já podem ser encontrados na [loja online da Josefinas](#).

Cada um destes modelos reaproveita os símbolos usados nos cuidados a ter com a roupa, redefinindo-os com outros significados para as relações interpessoais - como "não controlar", "não culpar", "não intimidar", "não envergonhar" e "não magoar".

Daniel Cotrim, supervisor técnico da rede nacional de Casas de Abrigo da APAV, sublinha o "reforço positivo" da campanha junto de quem decide sair de um processo de violência. Num país em que, por dia, 14 mulheres são vítimas de violência doméstica, "a campanha You Can Leave é uma mensagem de força e de esperança para todas as vítimas em silêncio", sublinha Daniel Cotrim.

Além da mensagem de apoio às vítimas de violência, a campanha assinada pela Josefinas reverte a favor da APAV. Cada par vendido possibilita à associação o apoio a cinco vítimas de violência doméstica, durante um mês, nas Casas de Abrigo da APAV.

A campanha You Can Leave prolongar-se-á durante um ano e conta com o apoio de figuras públicas como Ana Sofia Martins e Vanessa Martins. A página da campanha You Can Leave pode ser encontrada no sítio da Josefinas, [aqui](#).

- [Loja online Josefinas](#)

- [Campanha You Can Leave](#)

## As sapatilhas que ensinam aos homens como tratar uma mulher

Uma mensagem de esperança e de força em forma de calçado: sim, "You Can Leave".

23/07/2018



Acordar, calçar as sapatilhas, trocar as voltas ao medo e fugir. No fundo, acreditar que é possível ganhar a corrida contra a violência doméstica. A marca portuguesa de calçado Josefina's e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) deram as mãos para inspirar mulheres que sofrem em silêncio, e assim nasceu uma coleção solidária que pretende agitar mentalidades: a "You Can Leave".

São três pares de sapatilhas, criadas a partir das etiquetas que se encontram no vestuário. "Tal como uma peça de roupa trivial, parece tornar-se essencial que cada ser humano venha com uma etiqueta de 'como cuidar', para que não seja destruído por outra pessoa", explicou Maria Cunha, CEO da Josefina's. Os números da APAV são a prova dessa urgência: em Portugal, 14 mulheres são vítimas de violência doméstica todos os dias.



Sapatilhas "Strong" e "Speak"

Se se alargarem horizontes, o cenário continua pouco animador: 603 milhões de mulheres vivem em países onde a violência doméstica não é considerada crime, e sete em cada dez são alvo de violência física, incluindo a sexual. Dados das Nações Unidas revelam ainda que mulheres entre os 15 e os 44 anos correm maior risco de violência doméstica do que de desenvolverem cancro ou terem um acidente de viação.

“É extremamente provável, se não 100% garantido, que conheçamos alguém que é, ou que já foi, alvo de maus-tratos psicológicos, verbais ou sexuais. Na Josefinas, quisemos alertar para este flagelo, na grande maioria das vezes silencioso”, afirmou a responsável da marca. As três sapatilhas (“Speak”, “Leave” e “Strong”) exibem cinco símbolos que mostram como cuidar de uma mulher, “para que ninguém se esqueça que numa relação, que deveria ter por base o amor, o cuidado e o respeito mútuo, não há lugar para violência, culpa, vergonha, intimidação ou controlo”.

Num dos pares, lançados esta segunda-feira, dia 23 de julho, há também um código QR que esconde uma mensagem de esperança: “You Can Leave – poderá não ser à primeira tentativa mas, numa dessas vezes, a vítima conseguirá libertar-se e abandonar o ofensor definitivamente.”

Por cada par vendido (custa **298 euros**), a marca de calçado compromete-se a ajudar cinco mulheres vítimas de violência doméstica. O montante angariado será entregue às Casas de Abrigo da APAV para que mulheres em perigo tenham acesso a necessidades básicas como refúgio e alimentação, além de apoios jurídicos, sociais e psicológicos durante um mês.



Sapatilhas "Leave"

## In our shoes

by *Mónica Bozinoski*

👍 Gosto 39 Partilhar

A Josefinas e a APAV uniram forças para dar um novo significado à expressão de caminhar nos sapatos de outra pessoa. O resultado é uma coleção especial com o objetivo de apoiar vítimas de violência doméstica, e lutar contra a situação que afeta cerca de catorze mulheres, por dia, em Portugal.



Speak, € 298, Josefinas

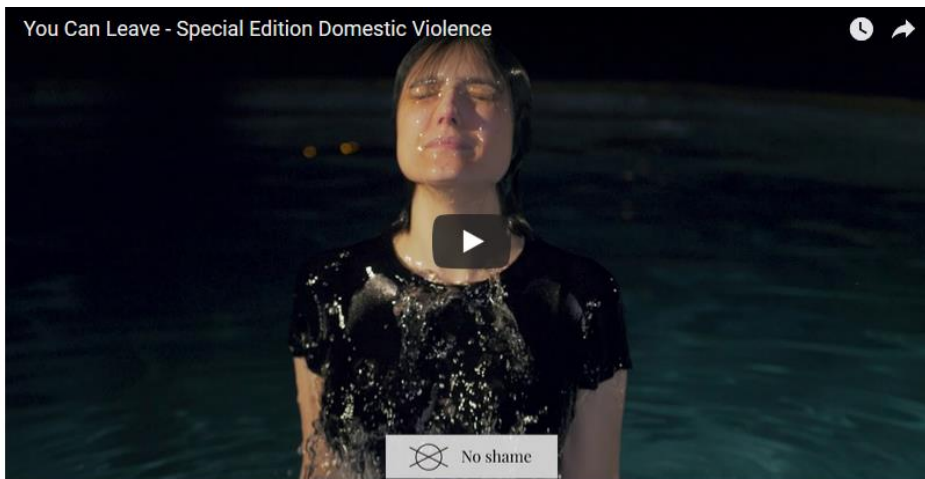


© Josefinas

Depois de edições como *Suffragette*, criada para homenagear o movimento sufragista, *Women for Women*, uma parceria com a organização do mesmo nome, com o objetivo de ajudar mulheres marginalizadas em todo o mundo, ou *Power Woman*, uma linha com *stickers* que celebram o poder feminino, a Josefinas uniu forças com a [Associação Portuguesa de Apoio à Vítima \(APAV\)](#) para criar uma nova coleção de ténis solidários.

Não escolhe idade, raça, estatuto social ou profissão e, na maioria das vezes, ocorre em silêncio. A noção não é novidade, mas continua a ser uma das questões mais alarmantes da nossa sociedade - segundo dados divulgados pelas Nações Unidas, 603 milhões de mulheres vivem em países onde a violência não é considerada crime, e 7 em cada 10 mulheres são alvo de violência física ou sexual, sendo que mulheres entre os 15 e os 44 anos correm maior risco de sofrer de violência doméstica do que desenvolverem um cancro ou terem um acidente de viação.

"Qualquer mulher pode ser vítima de violência", defendeu Maria Cunha, CEO da marca de calçado portuguesa, em comunicado. "É extremamente provável, se não 100% garantido, que conheçamos alguém que é, ou que já foi, alvo de maus-tratos psicológicos, verbais ou sexuais". Com esta nova edição, como explica Maria Cunha, a Josefinas pretende "alertar para este flagelo, na grande maioria das vezes silencioso, e contribuir para a luta contra o mesmo".



Sob o mote *You Can Leave*, a coleção é composta por três pares de ténis brancos, com os nomes distintos de *Leave*, *Speak* e *Strong*, criados para lutar contra a violência doméstica. Para esta edição, como explicou a representante da Josefinas em comunicado, a marca portuguesa de calçado encontrou a sua inspiração nas etiquetas de vestuário. "Tal como uma peça de roupa trivial, parece tornar-se essencial que cada ser humano venha com uma etiqueta de 'como cuidar', para que não seja destruído por outra pessoa", disse Maria Cunha. "As três sapatilhas *You Can Leave* partilham cinco símbolos que mostram como cuidar, e estão impressos para que ninguém se esqueça que numa relação, que deveria ter como base o amor, o cuidado e o respeito mútuo, não há lugar para violência, culpa, vergonha, intimidação ou controlo".

Para além dos cinco símbolos presentes em cada um dos ténis solidários, a etiqueta *You Can Leave* destaca também o número de mulheres vítimas de violência doméstica (7/10), a faixa etária onde é mais suscetível de acontecer (15-44) e o número de mulheres que vivem em países onde a violência doméstica não é considerada crime (603.000.000), bem como um QR code com uma mensagem de apoio e esperança. No modelo *Leave*, em particular, este código encontra-se escondido, como forma de simbolizar uma relação onde a violência doméstica é uma realidade, mas da qual é sempre possível sair.

Por cada par de Josefinas *You Can Leave* vendido, a marca de calçado portuguesa compromete-se, assim, a ajudar cinco mulheres vítimas de violência doméstica. O montante angariado destina-se às Casas de Abrigo da APAV, para que mulheres em perigo tenham acesso a necessidades básicas como abrigo e alimentação, bem como apoios jurídicos, sociais e psicológicos durante um mês.

"Há um reforço positivo de quem tomou a decisão de sair, de mudar a sua vida e de reconstruir, que é muitas vezes complicado", expressou Daniel Cotrim, Responsável pela área da Violência Doméstica e de Género, sobre a parceria com a Josefinas. Ao mesmo tempo, como desenvolve o Superior Técnico da Rede Nacional de Casas de Abrigo da APAV, a campanha *You Can Leave* é uma "mensagem de força e de esperança para todas as vítimas em silêncio", e uma forma de "dizer a outras mulheres que se encontram em processo de violência que é possível saírem, que é possível pedirem ajuda".

## JOSEFINAS CRIA COLEÇÃO DE SAPATILHAS CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA (COM VÍDEO)

Por Pedro Durães a 25 de Julho de 2018



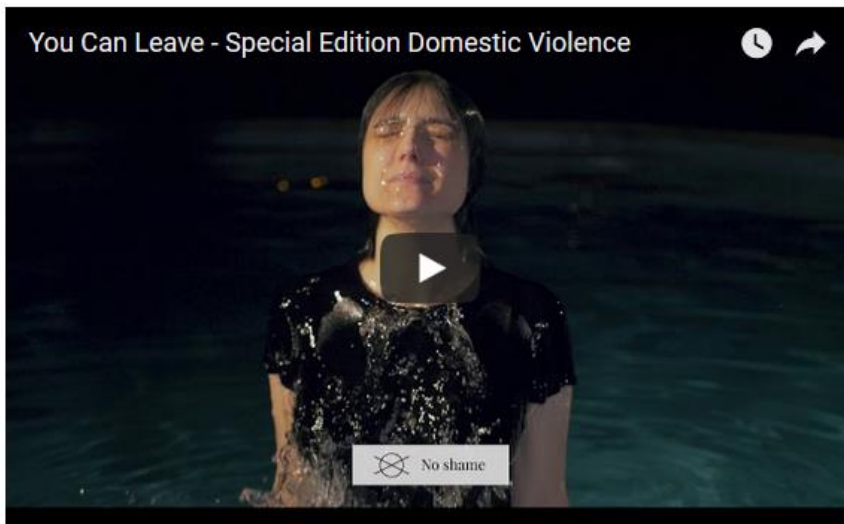
You Can Leave é a designação assumida por uma coleção especial de sapatilhas da marca de calçado de luxo portuguesa Josefinas em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Ajudar na luta contra a violência doméstica, que em Portugal ainda afecta 14 mulheres por dia, é o objectivo desta iniciativa, através da qual a marca promete ajudar cinco mulheres em risco, durante um mês, por cada par vendido. Por cada conjunto de sapatilhas desta edição especial que seja vendido, a Josefinas compromete-se a proporcionar a cinco vítimas de violência doméstica acolhidas em Casas Abrigo da APAV o acesso, além de casa e alimentação para si e para os filhos, a apoio psicológico, jurídico e social para ajudar no início de uma nova vida longe dos abusos.

“Qualquer mulher pode ser vítima de violência. É extremamente provável, se não 100% garantido, que conheçamos alguém que é, ou que já foi, alvo de maus-tratos psicológicos, verbais ou sexuais”, afirma Maria Cunha, CEO da Josefinas, explicando que a intenção da marca é “alertar para este flagelo, na grande maioria das vezes silencioso, e contribuir para a luta contra o mesmo”.



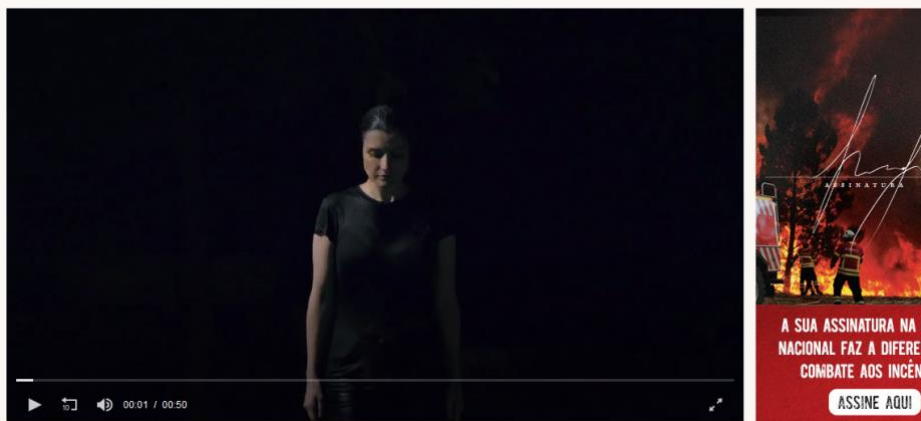


Leave, Speak e Strong são os três modelos de sapatilhas que compõem a colecção da marca de luxo nacional, sendo comercializados por 298 euros. A inspiração para o design da colecção são as etiquetas de vestuário. Como explica Maria Cunha, "tal como uma peça de roupa trivial, parece tornar-se essencial que cada ser humano venha com uma etiqueta de 'como cuidar' para que não seja destruído por outra pessoa". "As três sapatilhas You Can Leave partilham cinco símbolos que mostram como cuidar e estão impressos para que ninguém se esqueça que, numa relação, que deveria ter por base o amor, o cuidado e o respeito mútuo, não há lugar para violência, culpa, vergonha, intimidação ou controlo", esclarece a responsável.



## Sapatilhas na luta contra a violência doméstica

A marca de calçado portuguesa Josefinas une-se à APAV no combate à violência doméstica.



Catorze mulheres são vítimas de violência doméstica **todos os dias** em Portugal. Número que apenas reflete casos denunciados e não a realidade. Em solidariedade no combate à luta contra a violência doméstica, a marca de calçado portuguesa **Josefinas** criou uma coleção de sapatilhas aliada à **Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)**, uma instituição sem fins lucrativos que apoia as vítimas dos crimes, seus familiares e amigos, através da prestação de serviços gratuitos e confidenciais.

"Na Josefinas, quisemos alertar para este flagelo, na grande maioria das vezes silencioso, e contribuir para a luta contra o mesmo", afirma Maria Cunha, CEO da marca. A edição especial **You Can Leave** inclui três pares e, por cada par vendido, a marca compromete-se a ajudar cinco vítimas de violência doméstica. O montante angariado destina-se às Casas de Abrigo da APAV, que oferecem às mulheres em perigo acesso às necessidades básicas, como abrigo e alimentação, e também apoio jurídico, social e psicológico durante um mês.

"Há um reforço positivo de quem tomou a decisão de sair, de mudar a sua vida e de a reconstruir, que é muitas vezes complicado. Ao mesmo tempo, é uma forma de dizer a outras mulheres que se encontram em processo de violência que é possível saírem, que é possível pedirem ajuda. A campanha **You Can Leave** é uma mensagem de força e de esperança para todas as vítimas em silêncio", declara Daniel Cotrim, responsável pela área da Violência Doméstica e de Género e Supervisor Técnico da Rede Nacional de Casas de Abrigo da APAV.

As três sapatilhas da coleção partilham cinco símbolos inspirados nas etiquetas do vestuário, que mostram como cuidar. "Estão impressos para que ninguém se esqueça que numa relação que deveria ter por base o amor, o cuidado e o respeito mútuo, não há lugar para violência, culpa, vergonha, intimidação ou controlo", explica Maria.

### Um problema grave

Na maioria das vezes, a violência doméstica ocorre em silêncio. Nunca escolhe idade, cor, estatuto social ou profissão. Dados das Nações Unidas revelam que **603 milhões de mulheres** vivem em países onde a violência doméstica não é considerada crime e que **7 em cada 10 mulheres** são alvo de violência física ou sexual.

# SAPOLIFESTYLE

## MARCA DE CALÇADO PORTUGUESA QUER AJUDAR A COMBATER A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

23 jul 2018 17:16

SAPOLIFESTYLE

Atualidade

0 comentários



**N.N./Lusa - Família**  
16 mil denúncias de violência doméstica na APAV. Maioria das vítimas são mulheres na casa dos 40



A marca de calçado portuguesa Josefinas uniu-se à APAV na luta contra a violência doméstica.



Sabia que, em Portugal, 14 mulheres são vítimas de violência doméstica todos os dias? Um problema grave, que na grande maioria das vezes acontece em silêncio. A violência doméstica não escolhe idade, cor, estatuto social ou profissão.

A Josefinas, em parceria com a APAV, apresenta a edição "You Can Leave", uma coleção especial composta por três pares de sapatilhas criadas para lutar contra a violência doméstica, com um P.V.P. de 298€, que está à venda no site da marca.



## APAV e Josefinas juntas contra a violência doméstica

ANA TOMÁS



A **APAV e a Josefinas** uniram-se, pela primeira vez, na luta contra a **violência doméstica**, através do lançamento da **campanha You Can Leave**. Para apoiar as vítimas de violência, a marca portuguesa de calçado desenhou os modelos de ténis **Leave, Speak e Strong**, que já podem ser encontrados na **loja online da Josefinas**.

“Cada um destes modelos reaproveita os símbolos usados nos cuidados a ter com a roupa, redefinindo-os com outros significados para as relações interpessoais – como “não controlar”, “não culpar”, “não intimidar”, “não envergonhar” e “não magoar”, lê-se no comunicado de imprensa.

Num país onde, por dia, 14 mulheres são vítimas de violência doméstica, a campanha **You Can Leave** pretende passar uma “mensagem de força e de esperança para todas as vítimas em silêncio”, sublinha Daniel Cotrim, supervisor técnico da rede nacional de Casas de Abrigo da APAV.

# MARKETEER

## Josefinas lança colecção contra a violência doméstica

🕒 24/07/2018 📍 Notícias 💬 0



As etiquetas da nova colecção da Josefinas não indicam como tratar os sapatos, mas sim como cuidar das mulheres que os compraram. A marca portuguesa juntou-se à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para desenvolver três modelos solidários, cuja receita será utilizada para ajudar mulheres vítimas de violência doméstica.

Sob o mote "You Can Leave", a Josefinas incentiva todas as mulheres que se encontram numa relação abusiva a dar um passo em frente e pedir ajuda. «Qualquer mulher pode ser vítima de violência. É extremamente provável, se não 100% garantido, que conheçamos alguém que é, ou que já foi, alvo de maus-tratos psicológicos, verbais ou sexuais. Na Josefinas, quisemos alertar para este flagelo, na grande maioria das vezes silencioso e contribuir para a luta contra o mesmo», explica Maria Cunha, CEO da marca.

Em Portugal, 14 mulheres são vítimas de violência doméstica todos os dias, de acordo com dados da APAV. Por cada par de Josefinas You Can Leave vendido, a Josefinas compromete-se a ajudar cinco mulheres através da entrega do valor angariado às Casas de Abrigo da associação.

**PORTUGAL**

Lisboa

## Conferência pela superação do ódio

Texto J.B. | 09/07/2018 | 16:20

O objetivo é contribuir para a melhoria da resposta do sistema de justiça criminal face às «necessidades atuais das vítimas»

**CONFERÊNCIA**  
**ÓDIO NUNCA MAIS**  
APOIO A VÍTIMAS DE CRIMES DE ÓDIO

IMAGEM

A+ A- ENVIAR IMPRIMIR COMENTAR PARTILHAR

PORTUGAL ANTERIOR SEGUINTE

Diversos oradores vão colocar em debate as «questões mais fraturantes e atuais» relacionadas com os «direitos e necessidades das vítimas de crimes de ódio e discurso de ódio». Os debates contribuirão para dar forma à conferência «Ódio nunca mais: apoio a vítimas de crimes de ódio».

A palestra está agendada para o próximo dia 26 de setembro e terá lugar no auditório do Campus da Justiça, em Lisboa. Além de debates e conferências, a iniciativa é constituída por diversos workshops, que se debruçam sobre «grupos particulares de pessoas que são mais vulneráveis aos crimes de ódio e discurso de ódio». Além disso, os ateliês também vão incidir sobre a «investigação criminal destes tipos de crime».

A conferência é promovida por profissionais ligados à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), no âmbito do projeto «Ódio nunca mais» cujo objetivo passa por «melhorar a resposta do sistema de justiça criminal às necessidades atuais das vítimas», através da «da criação de ferramentas de sensibilização e treino multidisciplinar de profissionais».

## Há umas novas Josefinas que apoiam a luta contra a violência doméstica

A famosa marca de calçado português associou-se à APAV.



25/07/2018 às 16:35



A marca portuguesa **Josefinas** juntou-se à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (**APAV**) para a criação de três modelos solidários, cuja receita será utilizada para ajudar mulheres vítimas de violência doméstica. As etiquetas desta nova coleção não indicam como cuidar das sapatilhas, mas sim como cuidar das mulheres.

O nome desta linha é "You Can Leave Me" e pretende incentivar todas as mulheres que se encontram numa relação abusiva a dar um passo em frente e pedir ajuda.

De acordo com os dados da **APAV**, 14 mulheres são vítimas de violência doméstica todos os dias em Portugal. É para contrariar estes números que a marca entendeu que seria uma boa altura para se associar a uma causa tão nobre. Por cada par destas novas Josefinas, a marca compromete-se a ajudar cinco mulheres através da entrega do valor angariado às Casas de Abrigo da associação. Cada um custa 298 euros. Carregue nas setas acima para ver imagens destas sapatilhas.

27 A 31 JULHO

Consulte as condições.

ATE 30%  
DIRETO



TODAS  
TVS 4K  
LG

COMPRAR



# Exame

## Um par de Josefinas contra a violência doméstica

EXAME | 26.07.2018 às 13h13



A marca de calçado de luxo portuguesa associou-se à APAV e apresentou uma coleção exclusiva cuja venda reverte para a ajuda a mulheres vítimas de violência



MARGARIDA VAQUEIRO LOPES  
Jornalista

**T**rês modelos de ténis brancos e pretos, simples, discretos, com uma mensagem simples e criativa: a inspiração surgiu das etiquetas que, no vestuário, indica como cada peça de roupa deve ser tratada. “Parece tornar-se essencial que cada ser humano venha com uma etiqueta de ‘como cuidar’ para que não seja destruído por outra pessoa”, diz à EXAME fonte oficial da empresa do

Porto.

Os símbolos de “não lavar na máquina”, “não secar” ou “não passar a ferro” remetem agora para “não magoar”, “não culpar” ou “não controlar”, numa tentativa de relembrar que qualquer relação tem por base o cuidado e o respeito.

“A violência doméstica é um crime de género, na grande maioria das vezes silencioso. Em Portugal apenas, 14 mulheres por dia são vítimas de violência doméstica”, lê-se no comunicado enviado às redações. É neste sentido que a Josefinas, companhia criada em 2013 por duas mulheres, se compromete a apoiar, durante um mês, cinco mulheres por cada par vendido da coleção You Can Leave. Os donativos serão entregues às Casas de Abrigo da APAV, para contribuir para as despesas de apoio psicológicos, jurídicos e sociais, para além de casa e alimentação para si e os seus filhos, explica ainda o comunicado.

Os três modelos da coleção You Can Leave – Leave, Speak e Strong – estão disponíveis no site oficial da Josefinas, e têm o preço unitário de 298 euros. Todos eles são feitos à mão, em Portugal, com pele e no interior e no exterior e com sola de borracha. Os lucros das vendas revertem integralmente para a APAV.

Recorde-se que esta não é a primeira vez que a Josefinas se envolve em campanhas de solidariedade e de empoderamento feminino. Na verdade, a marca de luxo portuguesa tem também uma coleção dedicada a apoiar a Women for Women internacional, e uma outra dedicada a apoiar crianças através da CARE, a organização humanitária internacional com programas de combate à pobreza em 14 diferentes países.

A marca esteve durante um ano presente em Nova Iorque, naquele que foi o seu primeiro espaço físico, bem perto da 2nd Avenue, uma das zonas premium da Big Apple.



## You Can Leave: Josefinas adere à luta contra a violência doméstica

As sapatilhas solidárias agora lançadas nascem de uma parceria entre a marca portuguesa de calçado e a APAV.



A nível global, sete em cada dez mulheres são vítimas de violência física ou sexual. O problema afeta qualquer etnia, idade, religião e estatuto social e abrange o caso das 603 milhões de mulheres de países onde a violência doméstica não é crime.

PUB

**wi zink**  
O teu banco fácil

TAEG 15,79%

De ficar sem bilhetes a aplaudir na primeira fila

Em Portugal, o problema é igualmente alarmante, onde se contabilizam, a cada dia, 14 vítimas de tal violência.

Foi pela necessidade de alertar para esta realidade, que persiste em silêncio, que a **Josefina se juntou à APAV**, instituição sem fins lucrativos de apoio a vítimas de crimes e familiares, para lançar uma coleção de sapatilhas solidárias. São três os pares com que se pretende dar voz a este atual problema, bem como ajudar as suas vítimas.

'You Can Leave' é o nome da coleção que dá destaque às etiquetas de vestuário, que ornamentam cada sapatilha e faz a associação entre o problema aqui tratado e a etiqueta de 'como cuidar' da peça, que "parece essencial a cada ser humano para não ser destruído por outra pessoa", explica Maria Cunha, CEO da marca de calçado que esclarece que cada símbolo reflete uma mensagem para que "ninguém se esqueça que numa relação, que deveria ter por base o amor, o cuidado e o respeito mútuo, **não há lugar para violência, culpa, vergonha, intimidação ou controlo**".

Os modelos foram postos à venda na loja online estão disponíveis por 298€. Por cada par vendido, a Josefinas ajuda cinco mulheres em risco, ao suportar os custos, durante um mês, em Casas de Abrigo da APAV, além de garantir alimentação para a vítima e filhos, bem como apoio psicológico, jurídico e social, com vista a uma nova vida, sem abusos.

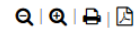


## Josefinas lança coleção contra violência doméstica



Por Estela Ataíde

24 de Julho de 2018



Dados das Nações Unidas indicam que sete em cada dez mulheres são alvo de violência física ou sexual e que 603 milhões de mulheres vivem em países onde a violência doméstica não é considerada crime, partilha a Josefinas em comunicado. Uma realidade que levou a marca de calçado portuguesa a unir-se à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) no combate à violência doméstica com uma coleção de sapatilhas solidárias.



*Por cada par de Josefinas You Can Leave vendido, a marca de calçado compromete-se a ajudar cinco mulheres vítimas de violência doméstica - Foto: Josefinas*

A edição *Josefinas You Can Leave*, uma coleção especial composta por três pares de sapatilhas, foi lançada a 23 de julho. O *design* da coleção foi inspirado nas etiquetas do vestuário, onde se explica como as mesmas devem ser cuidadas. Assim, explica Maria Cunha, CEO da Josefinas, as três sapatilhas da coleção *You Can Leave* são decoradas com cinco símbolos que mostram como cuidar, “para que ninguém se esqueça que numa relação, que deveria ter por base o amor, o cuidado e o respeito mútuo, não há lugar para violência, culpa, vergonha, intimidação ou controlo”.

## Residência alternada. Petição a ser entregue na Assembleia enfrenta oposição de 23 associações

16/7/2018, 17:49 ↻ 812 20

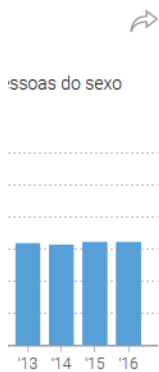
A petição que define como regra a residência alternada dos filhos em caso de divórcio é apresentada esta 3ª feira no Parlamento. E não pára de crescer o número de associações contra.

Partilhe [f](#) [t](#) [8+](#) [in](#) [✉](#)



A **petição a favor da residência alternada como regra** em casos de divórcio vai ser **formalmente apresentada** na Assembleia da República esta terça, dia 17 de junho, pelas 09h45. Quem a defende fala na necessidade urgente de promover um debate civil, mas, do outro lado da barricada, está uma **carta aberta de oposição, apoiada por 23 associações** — Capazes, UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta) e APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) incluídas —, que pede “uma verdadeira igualdade parental”.

Num primeiro momento, após a divulgação da carta aberta, apenas 17 associações estavam ligadas à causa contra a petição. O número cresceu, entretanto, para 23, tal como se lê na página de Facebook da associação Dignidade. O Observador tentou contactar a presidente desta instituição, Paula Sequeira, mas, até ao momento, não obteve qualquer resposta.



Desde outubro do ano passado, a Associação Portuguesa para a Igualdade Parental e Direitos dos Filhos (APIPDF) reuniu cerca de **4.200 assinaturas válidas** para pôr em movimento a **petição em prol da presunção jurídica da residência alternada**. Depois de entregue, a Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias, que deverá ficar com o caso, tem 60 dias para elaborar um relatório — caso o parecer seja positivo, será agendada a sua discussão em plenário.

Na carta aberta de oposição lê-se que a lei portuguesa “não necessita de alterações neste ponto concreto, dado que **já permite o modelo da residência alternada, se assim for pretendido pela família**” e que “as famílias são livres de determinar qual o modelo de guarda e residência que melhor se lhes aplica, tal como são livres de se estruturar e organizar na pendência do casamento/relação”.

Questionado sobre se a lei já prevê a residência alternada, Ricardo Simões responde: “Não a impede”. Esta associação, em conjunto com as mais de 4.000 pessoas que assinaram o documento, quer, ainda assim, que a residência partilhada seja “**o regime preferencial**” e olha para a petição como uma oportunidade para “**aprofundar o processo de igualdade de género na sociedade portuguesa**”.

“ As responsabilidades parentais relativas às questões de particular importância para a vida do filho são exercidas em comum por ambos os progenitores nos termos que vigoravam na constância do matrimónio, salvo nos casos de urgência manifesta, em que qualquer dos progenitores pode agir sozinho, devendo prestar informações ao outro logo que possível.

Número 1 do artigo 1906<sup>a</sup> do Código Civil

Os **23 signatários da carta aberta**, por sua vez, referem que a intervenção do Estado na família tem “limites constitucionais” e que a residência alternada como regra pode contribuir para o “aumento da conflitualidade e para a instabilidade psicológica das crianças”, quando a família foge a determinado perfil relacional e estrutural.

Quem assina a carta aberta vai mais longe: em declarações à agência Lusa, Paula Sequeira, presidente da associação Dignidade, considera a petição “**um risco enorme**” num país “**onde morrem 30 mulheres por ano, em média**”, vítimas de violência doméstica. Sequeira fala em “processos que funcionam a dois ritmos”, referindo-se aos processos de responsabilidade parental e ao processo-crime no caso de violência doméstica ou abuso sexual contra crianças. “Definir à partida uma residência alternada é por em risco mulheres e crianças, porque o processo-crime é um processo lento, é um processo de difícil prova e iríamos exponenciar o risco para as mulheres e para as crianças”, defendeu à Lusa.

Ricardo Simões diz que essa é “**uma falsa questão**” e que, na “esmagadora maioria dos casos”, tal não se verifica. A socióloga e investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Sofia Marinho, concorda e fala em “argumentos falaciosos”, recordando que tal realidade já está “contemplada na lei”

Marinho diz que a residência alternada constitui um “novo modelo de família”, onde se constroem novas formas de maternidade e paternidade. **“Passámos de um modelo de homem ganha-pão e da mulher doméstica e cuidadora para um modelo de duplo emprego e duplo cuidado, que tem vindo a crescer nas últimas décadas. As famílias adiantaram-se à lei”**, explica. Marinho diz que são poucos os estudos sobre esta realidade, mas garante que as situações de residência alternada são superiores aos 3% de que muitos autores falam.

Sofia Marinho diz ainda que a residência alternada acontece “à margem da lei” ou “consoante a conceção dos magistrados”. “Ela é permitida, mas não está lá explicitamente.”

Há sensivelmente dois anos, o juiz Joaquim Manuel Silva afirmava ao Observador que a “preferência maternal continua a integrar muitas sentenças, sobretudo nos tribunais superiores”. “Da minha experiência, isto são estereótipos. Não há uma preferência parental, o único impedimento de um pai é a amamentação”.

## Câmara de Ponta Delgada assina protocolo com 24 instituições particulares de solidariedade social do concelho



👤 Susete Rodrigues/AO Online 📍 Regional 📅 18 de Jul de 2018, 16:18

24



A Câmara Municipal de Ponta Delgada, presidida por José Manuel Bolieiro, procedeu ao início da tarde desta quarta-feira à assinatura dos protocolos com 24 instituições particulares de solidariedade social do concelho (IPSS).

De acordo com comunicado da autarquia, este apoio ascende aos 141.700,00 euros e respeita ao presente ano de 2018; o apoio por subsídio inclui 22 IPSS, num total de 55.000,00 euros; o apoio por Protocolo de Desenvolvimento, por seu turno, abrange cinco instituições, num total de 86.700,00 euros.

Na ocasião, José Manuel Bolieiro, presidente da autarquia congratulou-se com o papel essencial das IPSS no apoio ao Estado em matéria de intervenção social. "O Estado não pode desistir da sua função solidária, mas também não pode impedir - deve antes apoiar - que os impulsos cívicos surjam nesta área e complementem as responsabilidades do Estado", defendeu.

O autarca acrescentou que a forma como os apoios são atribuídos no Município a que preside garante às instituições "previsibilidade, mas também independência, autonomia e pluralidade de financiamento".

Foram assinados Protocolos de Desenvolvimento com a APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada), Associação de Doentes de Dor Crónica dos Açores ("Projeto de Envelhecimento Ativo"), Centro Paroquial de Bem-Estar Social de São José ("Projeto RecrEar – Requalificar o Recreio"), Instituto Margarida de Chaves e UMAR – Associação para a Igualdade das Mulheres.

Também foram formalizados os apoios por subsídio a 22 IPSS do concelho, sendo que cada uma irá receber um apoio de 2.500,00 euros: ACAPO- Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal, Alternativa – Associação Contra as Dependências, Associação Alzheimer Açores, Associação Atlântica de Doentes Machado-Joseph, Associação de Doentes de Dor Crónica dos Açores, Associação de Pais e Amigos das Crianças Deficientes do Arquipélago dos Açores, Associação de Paralisia Cerebral de São Miguel, Associação de Surdos da Ilha de São Miguel, Associação para o Planeamento Familiar, Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo, Associação USenior, Casa de Povo de Capelas, Casa do Povo da Fajã de Baixo, Casa do Povo de Santo António, Centro de Terapia Familiar e Intervenção Sistémica, Centro Paroquial de Bem-Estar Social de São José, Centro Social e Paroquial da Fajã de Baixo, Centro Social e Paroquial Nossa Senhora das Neves, Instituto Bom Pastor- Lar Filomena da Encarnação, Novo Dia, Solidariéd'arte – Associação de Integração pela Arte e pela Cultura e UMAR – Associação para a igualdade das Mulheres.



## Um par de Josefinas contra a violência doméstica

26 Julho 2018 A marca de calçado de luxo portuguesa associou-se à APAV e apresentou uma coleção exclusiva cuja venda reverte para a ajuda a mulheres vítimas de violência [Visão »](#)

### APAV e Josefinas juntas contra a violência doméstica

25 Julho 2018 A APAV e a Josefinas uniram-se, pela primeira vez, na luta contra a violência doméstica, através do lançamento da campanha You Can Leave. Para apoiar as vítimas de violência, a marca portuguesa de calçado desenhou os modelos de ténis Leave, Speak e Strong, que já podem ser encontrados na loja online da Josefinas . "Cada um destes modelos reaproveita os símbolos usados nos cuidados a ter com a roupa, redefinindo-os com outros significados para as relações interpessoais – como "não controlar", "não culpar", "não intimidar", "não envergonhar" e "não magoar", lê-se no comunicado de imprensa. Num país onde, por dia, [...] [Delas »](#)

## Associações contestam imposição de residência alternada em caso de divórcio

Dezassete associações de defesa dos direitos das vítimas, das mulheres e das crianças para contestar a proposta de imposição de residência alternada para as crianças filhas de pais separados, defendendo que se mantenha o regime atual com liberdade de escolha.



17 associações escreveram uma Carta Aberta dirigida a todos os partidos públicos com assento no Parlamento, defendendo que o Parlamento não deve impor a residência alternada como regra, devendo as famílias ter liberdade de escolha em relação ao modelo.

A Associação Portuguesa para a Igualdade Parental e Direitos dos Filhos (APIPDF) entregou no mês passado uma petição com mais de quatro mil assinaturas na Assembleia da República em que defende a presunção jurídica da residência alternada. A APIPDF argumenta que isto permitirá uma partilha mais igualitária do tempo com as crianças em caso de divórcio ou de separação dos pais. Assim, pede que o Código Civil sofra alterações de forma a que a residência alternada seja a regra,

ou seja, que fique como regime preferencial. Assim sendo, só no caso de ser contrária aos interesses da criança é que o tribunal deve optar por outra solução.

Entretanto, 17 associações escreveram uma Carta Aberta dirigida a todos os partidos públicos com assento no Parlamento, defendendo que o Parlamento não deve impor a residência alternada como regra, devendo as famílias ter liberdade de escolha em relação ao modelo.

A carta é uma ação conjunta das Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), Associação Portuguesa de Mulheres Juristas, Associação de Mulheres Contra a Violência, União de Mulheres Alternativa e Resposta, Associação Capazes, Dignidade, Associação Projecto Criar, Associação de Apoio a Homens Vítimas de Abuso Sexual, Associação e Movimento de Alerta à Retirada de Crianças e Adolescentes, Associação Ser Mulher, Associação Soroptimist Internacional Clube Porto Invicta, Associação Mulheres sem Fronteiras, Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres, Associação de Estudos, Cooperação e Desenvolvimento, Associação de Mulheres de São Tomé e Príncipe em Portugal, CooLabora e Fundação Cuidar o Futuro.



## MARKETING

### “You Can Leave” com a Josefina e a APAV

A marca de calçado portuguesa Josefina aliou-se à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), na luta contra a violência doméstica, através de uma coleção de sapatilhas solidárias. A edição especial chama-se “You Can Leave”, e é composta por três pares de sapatilhas.

quarta, 25 julho 2018 13:00



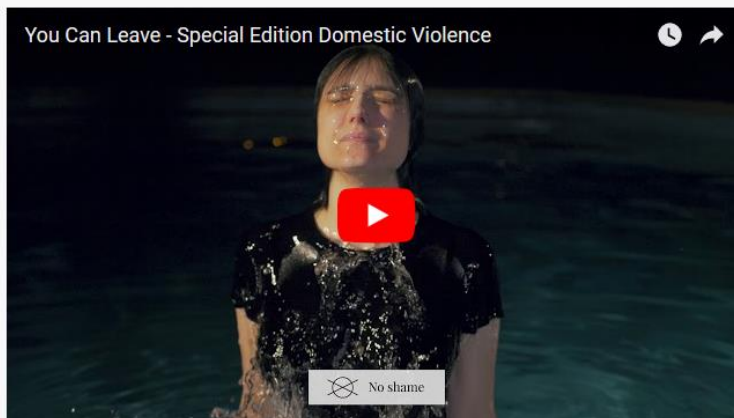
Por cada par vendido, a marca compromete-se a ajudar cinco mulheres vítimas de violência doméstica. O montante angariado destina-se às Casas de Abrigo da APAV, para que mulheres em perigo tenham acesso a necessidades básicas – como abrigo e alimentação –; e a apoio jurídico, social e psicológico, durante um mês.

“Tal como uma peça de roupa trivial, parece tornar-se essencial que cada ser humano venha com uma etiqueta de ‘como cuidar’ para que não seja destruído por outra pessoa. As três sapatilhas ‘You Can Leave’ partilham cinco símbolos que mostram como cuidar, e estão impressos para que ninguém se esqueça que numa relação, que deveria ter por base o amor, o cuidado e o respeito mútuo, não há lugar para violência, culpa, vergonha, intimidação ou controlo”, afirma a CEO da Josefina, Maria Cunha.

Por sua vez, o responsável pela área da Violência Doméstica e de Género, e supervisor técnico da Rede Nacional de Casas de Abrigo da APAV, Daniel Cotrim, explica que “há um reforço positivo de quem tomou a decisão de sair, de mudar a sua vida e de a reconstruir, que é muitas vezes complicado. Ao mesmo tempo, é dizer a outras mulheres que se encontram em processo de violência que é possível saírem, que é possível pedirem ajuda. Em Portugal, por dia, 14 mulheres são vítimas de violência doméstica, mas sabemos que estes números apenas refletem os casos denunciados. A campanha ‘You Can Leave’ é uma mensagem de força e de esperança para todas as vítimas em silêncio.”

[briefing@briefing.pt](mailto:briefing@briefing.pt)

## Vídeo



## Prémio APAV para a Investigação 2018: candidaturas abertas

26 JULHO 2018

NACIONAIS

2018 | prémio APAV  
para a investigação

apoio



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima promove em 2018 a quarta edição do **Prémio APAV para a Investigação**, com o apoio da Fundação Montepio.

O **Prémio APAV** para a Investigação destina-se a premiar trabalhos de investigação científica sobre temas ou problemas relacionados com a missão da APAV: Apoiar as vítimas de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima.

[Estão abertas as candidaturas para o Prémio APAV para a Investigação 2018.](#)

### Condições gerais:

- O Prémio APAV será atribuído anualmente pela APAV a um trabalho inédito, desenvolvido em língua portuguesa.
- O Prémio APAV será atribuído a um trabalho que contribua para o conhecimento geral ou específico dos temas ou problemas relacionados com as vítimas de crime, ou para a melhoria de qualidade dos serviços de apoio à vítima em Portugal.
- O Prémio APAV será atribuído a um trabalho desenvolvido em áreas científicas diversas, tais como Direito, Psicologia, Serviço Social, Sociologia, História, Economia, Saúde, Antropologia, Criminologia, Vitimologia, Pedagogia, etc.

[Formulário de Candidatura](#) [Link]. [Consulte aqui o Regulamento](#) [PDF].

Envio de candidaturas até dia 15 de setembro de 2018.

Informações e candidaturas: [apav.pt/premioapav2018](http://apav.pt/premioapav2018)

Fonte: APAV



# Thirteen

POR CAROLINA NELAS

## GUARDA-ROUPA | You Can Leave

603 milhões de mulheres vivem em países onde a violência doméstica não é considerada crime. Sete em cada dez são alvo de violência física, incluindo a sexual. Mulheres entre os 15 e os 44 anos correm maior risco de violência doméstica do que de desenvolverem cancro ou terem um acidente de viação. As estatísticas apresentadas na página da [nova edição de Josefinas](#) são absolutamente assustadoras. Será que conhecemos uma mulher que sofreu ou que está a sofrer neste momento?

"You Can Leave" alerta-nos para esta realidade. Três modelos de sapatilhas que contribuem diretamente para ajudar mulheres vítimas de violência doméstica, durante um mês, através da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima). O montante angariado será entregue às Casas de Abrigo da APAV para que mulheres em perigo possam ter acesso a necessidades básicas (refúgio e alimentação) e apoios jurídicos, sociais e psicológicos.

A violência doméstica não escolhe idade, cor, estatuto social ou profissão mas esta é uma mensagem de esperança e de força em forma de calçado. A inspiração da marca partiu das etiquetas do vestuário - é por isso que todos os pares de sapatilhas partilham cinco símbolos que mostram como cuidar (e estão impressos para que ninguém se esqueça que uma relação deve ter por base o amor, o cuidado e o respeito mútuo).



## Candidaturas abertas para a 4ª edição do Prémio APAV para a investigação

2018 | prémio APAV  
para a investigação

apoio



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima promove em 2018 a quarta edição do [Prémio APAV para a Investigação](#), com o apoio da Fundação Montepio.

O Prémio APAV para a Investigação destina-se a premiar trabalhos de investigação científica sobre temas ou problemas relacionados com a missão da APAV: Apoiar as vítimas de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima.

Estão abertas as candidaturas para o [Prémio APAV para a Investigação 2018](#).

Condições gerais:

- O Prémio APAV será atribuído anualmente pela APAV a um trabalho inédito, desenvolvido em língua portuguesa.
- O Prémio APAV será atribuído a um trabalho que contribua para o conhecimento geral ou específico dos temas ou problemas relacionados com as vítimas de crime, ou para a melhoria de qualidade dos serviços de apoio à vítima em Portugal.
- O Prémio APAV será atribuído a um trabalho desenvolvido em áreas científicas diversas, tais como Direito, Psicologia, Serviço Social, Sociologia, História, Economia, Saúde, Antropologia, Criminologia, Vitimologia, Pedagogia, etc.

## Associações reconhecem importância da equiparação dos apoios pelo uso da palavra 'Açores'



👤 Susete Rodrigues/AO Online 📍 Regional 📅 23 de Jul de 2018, 17:48



A deputada do PSD/Açores, Mónica Seidi, relevou o contributo das associações desportivas e promotoras da igualdade de género, às quais foram solicitados pareceres no âmbito do projeto de resolução do grupo parlamentar do partido que recomenda ao Governo regional a equiparação dos apoios atribuídos pelo uso da palavra 'Açores'.

Segundo a deputada do PSD/Açores, "os pareceres enviados à Comissão de Assuntos Sociais vão de encontro ao que é definido no projeto de resolução e sublinham a obrigação e o dever de os poderes públicos garantirem políticas que visem a promoção da igualdade de género e o combate a qualquer tipo de discriminação".

Além disso, acrescentou em nota de imprensa "ficou evidente que a atribuição de apoios por parte do Governo regional pelo uso da palavra 'Açores' em provas nacionais não tem em conta as classificações obtidas pelas equipas femininas, mesmo quando se trata de equipas vencedoras dos campeonatos nacionais onde participam".

Entre as associações que se pronunciaram sobre a iniciativa social-democrata estão a UMAR, a Novo Dia, a APAV e a ACEESA (Associação Centro de Estudos Economia Solidária do Atlântico). A Associação de Voleibol de São Miguel e Santa Maria, a Associação de Basquetebol de São Miguel e a Associação de Karate dos Açores também enviaram parecer.

O projeto de resolução do grupo parlamentar do PSD/Açores, do qual a deputada Mónica Seidi é subscritora, foi entregue no parlamento açoriano em maio e recomenda ao Governo regional a equiparação, já na próxima época desportiva, dos apoios públicos atribuídos às equipas femininas e masculinas.

Na última época desportiva os apoios atribuídos pelo executivo às equipas masculinas foram significativamente inferiores aos que foram atribuídos às equipas femininas que competem, na mesma modalidade, em provas nacionais.

A análise desta iniciativa está a decorrer na Comissão de Assuntos Sociais, onde será também ouvido um membro do Governo com competência na matéria.

Mónica Seidi reforça que o objetivo do projeto de resolução é "por fim a uma discriminação" e mantém o objetivo de ver concluída a sua análise "a tempo de ser votada no parlamento antes do início da próxima época desportiva".

"A competição desportiva é uma das áreas onde, infelizmente, também nos Açores, por vezes, o devido reconhecimento e atribuição dos apoios não obedece a critérios de igualdade, não obstante as mulheres obterem excelentes resultados nas competições em que participam", explica.

A concessão, por parte do Governo regional, de apoios financeiros aos clubes açorianos que participam regularmente nas provas nacionais de futebol, basquetebol, voleibol, andebol, hóquei em patins, ténis de mesa, futsal e automobilismo, tanto em masculinos como em femininos, está autorizada em resolução do Conselho de Governo de 10 de agosto de 2017 e justificam-se com o contributo que essas equipas dão para a promoção externa da Região.

"Não queremos, com esta resolução, cortar os apoios às equipas masculinas nem cortar ou reduzir os apoios que já estão previstos no Regime Jurídico de Apoio ao Movimento Associativo Desportivo. O que defendemos é a necessidade de tornar mais justa, mais equitativa e menos discriminatória a concessão dos apoios pelo uso da palavra 'Açores'", clarifica Mónica Seidi.



NOTÍCIAS

## Sapatilhas solidárias no combate à violência doméstica



*Sabiam que, em Portugal, 14 mulheres são vítimas de violência doméstica todos os dias?*

A marca de calçado portuguesa Josefinas, criada para ajudar mulheres, aliou-se à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) – uma instituição sem fins lucrativos, que apoia vítimas de crimes, seus familiares e amigos, através da prestação de serviços gratuitos e confidenciais – na luta contra a violência doméstica através de uma coleção de sapatilhas solidárias.

Um problema grave, que na grande maioria das vezes ocorre em silêncio, a violência doméstica não escolhe idade, cor, estatuto social ou profissão. Dados das Nações Unidas revelam que **603 milhões de mulheres** vivem em países onde a violência doméstica não é considerada crime, e que **7 em cada 10 mulheres** são alvo de violência física ou sexual. A organização internacional divulga ainda que mulheres entre os **15 e 44 anos** correm maior risco de violência doméstica do que desenvolverem um cancro ou terem um acidente de viação. A CEO da Josefinas, Maria Cunha, reforça que *“qualquer mulher pode ser vítima de violência. É extremamente provável, se não 100% garantido, que conheçamos alguém que é, ou que já foi, alvo de maus-tratos psicológicos, verbais ou sexuais. Na Josefinas, quisemos alertar para este flagelo, na grande maioria das vezes silencioso, e contribuir para a luta contra o mesmo.”*

### **You Can Leave**

Esta segunda-feira, dia 23 de julho, a Josefinas, em parceria com a APAV, apresenta a edição **You Can Leave**, uma coleção especial composta por três pares de sapatilhas criadas para lutar contra a violência doméstica. A inspiração da marca portuguesa partiu das etiquetas do vestuário: *“tal como uma peça de roupa trivial, parece tornar-se essencial que cada ser humano venha com uma etiqueta de ‘como cuidar’ para que não seja destruído por outra pessoa. As três sapatilhas You Can Leave partilham cinco símbolos que mostram como cuidar, e estão impressos para que ninguém se esqueça que numa relação, que deveria ter por base o amor, o cuidado e o respeito mútuo, não há lugar para violência, culpa, vergonha, intimidação ou controlo”*, explica a representante da marca de calçado.

*A etiqueta You Can Leave da Josefinas dá destaque ao número de mulheres vítimas de violência doméstica, à faixa etária onde é mais suscetível de acontecer e à quantidade de mulheres que vivem em países onde abusos domésticos não são considerados crime. A etiqueta também mostra os ‘cuidados a ter’ por via dos símbolos: não há lugar para a violência, culpa, vergonha, intimidação ou controlo.*

Por cada par de Josefinas You Can Leave vendido, a marca de calçado compromete-se a ajudar cinco mulheres vítimas de violência doméstica. O montante angariado destina-se às Casas de Abrigo da APAV para que mulheres em perigo tenham acesso a necessidades básicas, como abrigo e alimentação, e apoios jurídicos, sociais e psicológicos durante um mês. De acordo com o Responsável pela área da Violência Doméstica e de Género, e Supervisor Técnico da Rede Nacional de Casas de Abrigo da APAV, Dr. Daniel Cotrim, a parceria com a Josefinas é importante, pois é um apoio direto às vítimas que se encontram nas Casas de Abrigo. Por outro lado, é uma mensagem de força e de esperança: *“há um reforço positivo de quem tomou a decisão de sair, de mudar a sua vida e de a reconstruir, que é muitas vezes complicado. Ao mesmo tempo, é dizer a outras mulheres que se encontram em processo de violência que é possível saírem, que é possível pedirem ajuda. Em Portugal, por dia, 14 mulheres são vítimas de violência doméstica, mas sabemos que estes números apenas refletem os casos denunciados. A campanha You Can Leave é uma mensagem de força e de esperança para todas as vítimas em silêncio.”*



## **Prémio APAV para a Investigação 2018 | Candidaturas abertas**

O objetivo é premiar um trabalho que contribua para o conhecimento sobre os problemas relacionados com as vítimas de crime ou para melhoria dos serviços de apoio à vítima em Portugal.

PARTILHAR    



A Fundação Montepio apoia a quarta edição do Prémio APAV para a Investigação promovido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

### **As candidaturas estão abertas até ao dia 15 de setembro de 2018**

O Prémio APAV para a Investigação destina-se a premiar trabalhos de investigação científica sobre temas ou problemas relacionados com a missão da APAV: Apoiar as vítimas de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima.

Consulte o site [APAV](#) para mais informação.

## Direito a não deixar o ex-marido ser pai

28 jul 2018 09:58



Opinião

Igualdade de Género · parentalidade

15 comentários



Atualidade · 24 jul 2018 17:01

**Holanda: Onze bebés morreram depois de as mães terem tomado viagra como parte de um tratamento experimental**



Atualidade · 26 jul 2018 07:30

**Mais de 40 mil marcharam em Santiago do Chile para exigir aborto livre e seguro**

A opinião de



Diogo Faro

Fico só curioso em relação a uma coisa. Qual é a posição destas associações no caso de divórcio entre duas mulheres? A mulher que tiver mais buço é a que fica menos tempo com as crianças porque, como sabemos, em todos os casais de lésbicas há uma que tem mais buço do que a outra? Não sei. Elucidem-me. Não quero estar aqui a estereotipar.



Entrou uma petição na Assembleia para se legislar a residência alternada das crianças em caso de divórcio dos pais. Além de se pensar primeiro no bem-estar das crianças ao ter o mesmo tempo com ambos, é uma ideia que promove a igualdade de género. Felizmente, várias associações que lutam pela igualdade de género, como as Capazes, a UMAR ou a APAV, já se declararam contra. E bem. Uma coisa é lutar pela igualdade de género nas situações em que a mulher é geralmente prejudicada, outra é nos casos em que são os atrasados-mentais-são-todos-iguais-vão-morrer-longe dos homens a sê-lo.

Um dos grandes argumentos destas justas associações é que "as famílias são livres de aplicar o modelo de residência que melhor se lhes aplica". Ou seja, o homem até pode querer ser pai a tempo inteiro, com todos os deveres a que tem direito, e não apenas receber a criança ao fim-de-semana de duas em duas semanas como se estivesse na prisão, que se a mulher não quiser, fica como quer a mulher. Óbvio.

É importante que a luta pela igualdade de género passe por destruir estereótipos como a mulher ser fraca, estar destinada à lida da casa e a servir só para dar de mamar às crias, assim como passa por manter a excelente percepção social de que o homem é uma merda de pai negligente que nunca ama os filhos da mesma forma que as mulheres e que só serve para trazer sustento para o lar.

Mas há mais razões fortes para não se legislar a favor da residência alternada. Uma delas é, por exemplo, o facto de países como a França, a Holanda, a Bélgica ou a Suécia já o terem feito. E ninguém quer seguir o exemplo de países sub-desenvolvidos cujas sociedades são tão conhecidas por serem extremamente atrasadas, claro está.

E outra é o facto de o Instituto de Apoio à Criança ter concluído que, em 2016, 54% dos casos de maus tratos a crianças foram perpetrados por mulheres. O que quer dizer que em escandalosos e horripilantes 46% dos casos foram os homens-que-são-todos-uns-pais-de-merda a mal tratar os miúdos. Logo, é muito perigoso legislar a favor da igualdade parental, e mais vale deixar como está. A mulher com o direito a não deixar o homem ser pai porque sim, porque ela e só ela é que sabe o que é melhor para si. Ai, criança. O que é melhor para a criança.

## JOSEFINAS E APAV DIZEM NÃO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

27 JULHO 2018



A marca portuguesa de calçado **Josefinas** uniu-se à **Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)** para apoiar vítimas de violência doméstica e lutar contra a situação que afeta cerca de catorze mulheres, por dia, em Portugal. Desta parceria nasceu "**You Can Leave**", uma coleção solidária composta por três pares de **tênis brancos** denominados *Leave, Speak e Strong*.

"É extremamente provável, se não 100% garantido, que conheçamos alguém que é, ou que já foi, alvo de maus-tratos psicológicos, verbais ou sexuais. Na Josefinas, quisemos alertar para este flagelo, na grande maioria das vezes silencioso", afirmou Maria Cunha, CEO da Josefinas.

Para esta coleção, a marca portuguesa encontrou inspiração nas etiquetas de vestuário. "Tal como uma peça de roupa trivial, parece tornar-se essencial que cada ser humano venha com uma etiqueta de 'como cuidar', para que não seja destruído por outra pessoa... As três sapatilhas You Can Leave partilham cinco símbolos que mostram como cuidar, e estão impressos para que ninguém se esqueça que numa relação, que deveria ter como base o amor, o cuidado e o respeito mútuo, não há lugar para violência, culpa, vergonha, intimidação ou controlo", afirmou Maria Cunha.

Num dos pares, lançado no dia 23 de julho, há também um código QR que esconde uma mensagem de esperança: "You Can Leave - poderá não ser a primeira tentativa mas, numa dessas vezes, a vítima conseguirá libertar-se e abandonar o ofensor definitivamente."

Por cada par de tênis "You Can Leave" vendido, a Josefinas compromete-se a ajudar cinco mulheres vítimas de violência doméstica. O montante angariado será entregue às Casas de Abrigo da APAV para que mulheres em perigo tenham acesso a necessidades básicas como refúgio e alimentação, além de apoios jurídicos, sociais e psicológicos durante um mês.

A coleção já está disponível no site da marca: [josefinas.com/pt/you-can-leave](http://josefinas.com/pt/you-can-leave)



## Prémio APAV para a Investigação 2018: candidaturas abertas

26.07.18 · GAAPP PREVENÇÃO DO MAU TRATO, INFORMAÇÕES ÚTEIS, NOTÍCIAS, SITES ÚTEIS

### Prémio APAV para a Investigação 2018: candidaturas abertas

2018 | prémio APAV  
para a investigação

apoio



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

promove em 2018 a quarta edição do **Prémio APAV para a Investigação**, com o apoio da Fundação Montepio.

O Prémio APAV para a Investigação destina-se a premiar trabalhos de investigação científica sobre temas ou problemas relacionados com a missão da APAV: *Apoiar as vítimas de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima.*

Estão abertas as candidaturas para o **Prémio APAV para a Investigação 2018**.

Condições gerais:

- O Prémio APAV será atribuído anualmente pela APAV a um trabalho inédito, desenvolvido em língua portuguesa.
- O Prémio APAV será atribuído a um trabalho que contribua para o conhecimento geral ou específico dos temas ou problemas relacionados com as vítimas de crime, ou para a melhoria de qualidade dos serviços de apoio à vítima em Portugal.
- O Prémio APAV será atribuído a um trabalho desenvolvido em áreas científicas diversas, tais como Direito, Psicologia, Serviço Social, Sociologia, História, Economia, Saúde, Antropologia, Criminologia, Vitimologia, Pedagogia, etc.

[Formulário de Candidatura \[Link\]](#)

[Consulte aqui o Regulamento \[PDF\]](#).

Envio de candidaturas até dia 15 de setembro de 2018.

Informações e candidaturas:  
[apav.pt/premioapav2018](http://apav.pt/premioapav2018)

facebook.com/APAV.Portugal  
twitter.com/APAV\_Online  
instagram.com/apav\_online

CHAMADA GRATUITA  
**116 006**  
LINHA DE APOIO À VÍTIMA  
DIAS ÚTEIS DAS 09H-19H

MEMBRO DO  
**Victim Support**  
Europe

infovitimas.pt  
APP  
100 WEB  
BUREAU VICTIMAS  
CONFIDENCE

OPDEM



DesignINeed.com

## PORTUGUESE SHOE BRAND JOSEFINAS LAUNCHES 3 PAIRS OF SNEAKERS AGAINST DOMESTIC VIOLENCE

JULY 27, 2018 / LEAVE A COMMENT



### Josefinas and APAV create sneakers that helps domestic violence victims

APAV is Portuguese Association of Victim Support, an important organisation for domestic violence victims in Portugal. Now, APAV just collaborated with shoe brand Josefinas.

The campaign is called "You can Leave". Moreover, as part of the campaign, the brand designed three models of sneakers: Leave, Speak, Strong. As a result, each pair sold will allow APAV to help 5 domestic violence victims for a month.

MODA / NOTÍCIAS / VÍDEOS

## SAPATILHAS SOLIDÁRIAS NO COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A marca de calçado portuguesa Josefinas une-se à APAV na luta contra a violência doméstica. A campanha 'You Can Leave' quer ajudar a acabar com o flagelo que afeta, em Portugal, 14 mulheres todos os dias.

23 julho, 2018



A marca de calçado portuguesa Josefinas aliou-se à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) na luta contra a violência doméstica através de uma coleção de sapatilhas solidárias. 'You Can Leave' é o mote da campanha de sensibilização e luta contra a violência doméstica.

Esta coleção especial é composta por três pares de sapatilhas criadas para lutar contra a violência doméstica. A inspiração da marca portuguesa partiu das etiquetas do vestuário. «Tal como uma peça de roupa trivial, parece tornar-se essencial que cada ser humano venha com uma etiqueta de 'como cuidar' para que não seja destruído por outra pessoa. As três sapatilhas You Can Leave partilham cinco símbolos que mostram como cuidar, e estão impressos para que ninguém se esqueça que numa relação, que deveria ter por base o amor, o cuidado e o respeito mútuo, não há lugar para violência, culpa, vergonha, intimidação ou controlo», explica a representante da marca de calçado.

A etiqueta You Can Leave da Josefinas dá destaque ao número de mulheres vítimas de violência doméstica, à faixa etária onde é mais suscetível de acontecer e à quantidade de mulheres que vivem em países onde abusos domésticos não são considerados crime. A etiqueta também mostra os 'cuidados a ter' por via dos símbolos: não há lugar para a violência, culpa, vergonha, intimidação ou controlo.

### VEJA TAMBÉM: NOVE CONSELHOS PARA UMAS FÉRIAS CIBERSEGURAS

Nas sapatilhas Leave (ao centro na imagem da esquerda), o Código QR está escondido, simbolizando uma relação onde existe violência doméstica, onde se vive no silêncio e na vergonha. Até abandonar o agressor de vez, em média, a vítima precisa de 5 a 7 tentativas. Por isso, junto ao Código QR encontra-se uma mensagem de esperança: You Can Leave – poderá não ser à primeira tentativa, mas, numa dessas vezes, a vítima conseguirá libertar-se e abandonar o ofensor definitivamente. Veja o vídeo da campanha.

## Saiba como defender-se da violência sexual

Especialista deixa quatro dicas de proteção contra potenciais atacantes.

*Sâmia Fiates*

---

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) registou no ano passado mais de 600 denúncias de violência sexual em Portugal. Entre as 488 vítimas identificadas, 85% eram mulheres.

Um estudo promovido pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) aponta que um em cada quatro jovens portugueses considera “natural” forçar beijos em público, pressionar ou coagir para ter relações sexuais. São números que refletem a ainda existente cultura da violação. A solução passa por uma consciencialização entre homens e mulheres, mas enquanto a sociedade não se cura, algumas mulheres mobilizam-se pela defesa de todas.

Defesa no sentido literal da palavra. Gloria Marcott, especialista em defesa pessoal e oficial de polícia norte-americana, desenvolveu o próprio curso de defesa pessoal e já ensinou mais de 10 mil mulheres a protegerem-se. Em entrevista à *'InStyle'*, deixou algumas dicas preciosas sobre o tema.



### Sapatilhas solidárias no combate à violência doméstica

Por Aldomiro Silveira em 24 Julho 2015 - 11:00

Partilhar     

Em Portugal, 14 mulheres são vítimas de violência doméstica todos os dias. A marca de calçado portuguesa Josefinas aliou-se à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) na luta contra a violência doméstica com a coleção 'You Can Leave', uma coleção de sapatilhas solidárias.

Mantenha-se Connosco

 Facebook 573 Gostos  
 769 Seguidores  
 769 Seguidores  
 RSS Subscritores

Um problema grave, que na grande maioria das vezes ocorre em silêncio, a violência doméstica não escolhe idade, cor, estatuto social ou profissão. Dados das Nações Unidas revelam que 603 milhões de mulheres vivem em países onde a violência doméstica não é considerada **crime**, e que **7 em cada 10 mulheres** são alvo de violência física ou sexual. A organização internacional divulga ainda que mulheres entre os 15 e 44 anos correm maior risco de violência doméstica do que desenvolverem um cancro ou terem um acidente de viação.

A CEO da **Josefinas**, **Maria Cunha**, reforça que “qualquer mulher pode ser vítima de violência. É extremamente provável, se não 100% garantido, que conheçamos alguém que é, ou que já foi, alvo de maus-tratos psicológicos, verbais ou sexuais. Na Josefinas, quisemos alertar para este flagelo, na grande maioria das vezes silencioso, e contribuir para a luta contra o mesmo.”

Esta segunda-feira, dia 23 de julho, a **Josefinas**, em parceria com a APAV, apresentou a edição **You Can Leave**, uma coleção especial composta por três pares de sapatilhas criadas para lutar contra a violência doméstica.

Por cada par de **Josefinas You Can Leave** vendido, a **marca** de calçado compromete-se a ajudar cinco mulheres vítimas de violência doméstica. O montante angariado destina-se às Casas de Abrigo da APAV para que mulheres em perigo tenham acesso a necessidades básicas, como abrigo e alimentação, e apoios jurídicos, sociais e psicológicos durante um mês.

A parceria entre a **Josefinas** e a APAV é apoiada pelas personalidades portuguesas **Ana Sofia Martins** e **Vanessa Martins** que, através das **redes sociais**, fizeram uso das suas vozes para inspirarem a mudança.



## Associações reconhecem importância da equiparação dos apoios pelo uso da palavra 'Açores', garante Mónica Seidi

📅 23 Julho, 2018



Mónica Seidi relevou o contributo das associações desportivas e promotoras da igualdade de género às quais foram solicitados pareceres no âmbito do projeto de resolução do grupo parlamentar do PSD/Açores que recomenda ao Governo regional a equiparação dos apoios atribuídos pelo uso da palavra 'Açores'.

NOVO BANCO  
DOS AÇORES

Segundo a deputada do PSD/Açores, “os pareceres enviados à Comissão de Assuntos Sociais vão de encontro ao que é definido no projeto de resolução e sublinham a obrigação e o dever de os poderes públicos garantirem políticas que visem a promoção da igualdade de género e o combate a qualquer tipo de discriminação”.

Além disso, “ficou evidente que a atribuição de apoios por parte do Governo regional pelo uso da palavra 'Açores' em provas nacionais não tem em conta as classificações obtidas pelas equipas femininas, mesmo quando se trata de equipas vencedoras dos campeonatos nacionais onde participam”, acrescenta.

Entre as associações que se pronunciaram sobre a iniciativa social-democrata estão a UMAR, a Novo Dia, a APAV e a ACEESA (Associação Centro de Estudos Economia Solidária do Atlântico). A Associação de Voleibol de São Miguel e Santa Maria, a Associação de Basquetebol de São Miguel e a Associação de Karate dos Açores também enviaram parecer.

O projeto de resolução do grupo parlamentar do PSD/Açores, do qual a deputada Mónica Seidi é subscritora, foi entregue no parlamento açoriano em maio e recomenda ao Governo regional a equiparação, já na próxima época desportiva, dos apoios públicos atribuídos às equipas femininas e masculinas.

Na última época desportiva os apoios atribuídos pelo executivo às equipas masculinas foram significativamente inferiores aos que foram atribuídos às equipas femininas que competem, na mesma modalidade, em provas nacionais.

A análise desta iniciativa está a decorrer na Comissão de Assuntos Sociais, onde será também ouvido um membro do Governo com competência na matéria.

## CMPDL assina protocolo com 24 IPSS do concelho de Ponta de Ponta Delgada



Carolina Torres

18 Julho, 2018



A Câmara Municipal de Ponta Delgada assinou hoje protocolos com 24 instituições particulares de solidariedade social do concelho (IPSS).

Um apoio que ascende aos 141.700,00 euros e respeita ao presente ano de 2018. O apoio por subsídio inclui 22 IPSS, num total de 55.000,00 euros. O apoio por Protocolo de Desenvolvimento, por seu turno, abrange 5 instituições, num total de 86.700,00 euros.



### Notícias recente



30 Julho, 2018

Tibério Dinis e entrevista à Revista sobre Festas da Praia

30 Julho, 2018

Na ocasião, o presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro, congratulou-se com o papel essencial das IPSS no apoio ao Estado em matéria de intervenção social. “O Estado não pode desistir da sua função solidária, mas também não pode impedir – deve antes apoiar – que os impulsos cívicos surjam nesta área e complementem as responsabilidades do Estado”, defendeu.

“Há impulsos que na comunidade surgem e que justificam o apoio do Estado, mas não existem por causa do Estado”, acrescentou.

José Manuel Bolieiro acrescentou que a forma como os apoios são atribuídos no Município a que preside garante às instituições “previsibilidade, mas também independência, autonomia e pluralidade de financiamento”.

O autarca incentivou, igualmente, a promoção de atividades e de projetos que façam diferença na vida dos indivíduos, das famílias e da comunidade e possam merecer o apoio extraordinário do Município.

Recordou que este ano o regulamento apresenta algumas alterações face ao ano anterior e lembrou a obrigatoriedade de as instituições apresentarem os relatórios de execução.

Foram assinados Protocolos de Desenvolvimento com a APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada), Associação de Doentes de Dor Crónica dos Açores (“Projeto de Envelhecimento Ativo”), Centro Paroquial de Bem-Estar Social de São José (“Projeto RecrEar – Requalificar o Recreio”), Instituto Margarida de Chaves e UMAR – Associação para a Igualdade das Mulheres.

## Portuguesa escolhida para cargo de topo na UNICEF

MUNDO | 04.07.2018 às 7h30



Catarina Albuquerque vai assumir a presidência-executiva da parceria das Nações Unidas, Água e Saneamento para Todos

Catarina Albuquerque será a primeira CEO da 'Sanitation and Water for All', chegando assim ao cargo mais elevado ocupado por um português na UNICEF nos últimos 20 anos



MARGARIDA VAQUEIRO LOPES  
Jornalista

**A** decisão foi tomada em junho e Catarina Albuquerque rumou de armas e bagagens a Nova Iorque durante o verão, para tomar posse no início de setembro, confirmou a VISÃO. Depois de um processo de seleção que durou cerca de cinco meses e a obrigou a passar por seis etapas, a jurista portuguesa ultrapassou os outros 199 candidatos ao cargo e vai ser a primeira presidente-executiva (CEO) da iniciativa internacional 'Sanitation and Water for All' (SWA) [ou Saneamento e Água para Todos] o que significa que ocupa agora um lugar de direção da UNICEF, o lugar mais alto ocupado por um português, atualmente. A responsável era diretora-executiva da SWA, mas uma reestruturação recente obrigou a um novo processo de seleção. Até agora, Catarina Albuquerque mantinha-se em Portugal e de vez em quando passava em Nova Iorque e em Bruxelas para reunir com as suas equipas. As novas funções, no entanto, obrigam-na a mudar-se de vez para os EUA.

"Sinto-me muito contente e orgulhosa", afirmou a responsável em declarações à VISÃO. "Também me sinto cheia de vontade de deitar mãos à obra e o peso da responsabilidade – por ir gerir um orçamento de vários milhões de dólares e por tantas pessoas que estiveram envolvidas no processo de recrutamento estarem a depositar tanta confiança em mim".

A sua candidatura foi apoiada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e a jurista lembra com um sorriso que já está "metida no meio há uns anos. Além de que havia um *cocktail* de competências que eram exigidas que encaixavam no meu perfil", esclarece. "Mas foi extremamente difícil", sobretudo porque "hoje em dia ser português é uma limitação", devido à recente eleição de António Guterres para Secretário-Geral da ONU, confidencia. "Creio que há um escrutínio muitíssimo maior" de quem venha de Portugal. No entanto, a responsável garantiu o apoio de vários governos, nomeadamente de alguns dos maiores doadores.

À VISÃO revela ainda que na fase final do processo, além dela restava apenas um outro candidato de um importante Governo europeu. No entanto, o facto de estar há tanto tempo envolvida no tema da água e do saneamento – que continuarão a marcar a agenda da UNICEF – terá pesado na decisão final.

É certo que em Portugal o seu nome não é genericamente conhecido, mas quando olhamos para o mundo diplomático, o caso muda de figura. Licenciada em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, foi fazer um mestrado em Direito Internacional na Suíça. Durante esse tempo, foi fazer um estágio na ONU com Graça Machel e percebeu que era aquela a vida que queria. Em 2008, com apenas 38 anos e por sugestão dos governos espanhol e alemão, tornou-se na primeira relatora especial da ONU para a Água e o Saneamento. Pertence a Catarina Albuquerque a redação do texto que transformou o acesso à água num direito humano.

Durante seis anos percorreu o mundo a tentar perceber onde e como chegava a água e o saneamento às populações e a escrever recomendações que, muitas vezes, se transformaram em leis nos diversos países por onde passou.

Aos 48 anos Catarina está assim de voo marcado para Nova Iorque, onde deverá passar os primeiros oito meses sozinha. Depois, o marido e os dois filhos juntam-se a ela para começar uma nova vida do outro lado do Atlântico.

### **HÁ 12 ANOS A PROMOVER O ACESSO A ÁGUA POTÁVEL**

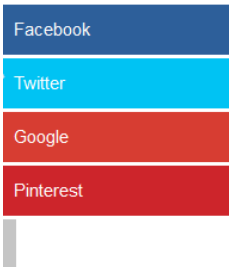
A 'Sanitation and Water for All' existe desde 2006, mas em 2015 teve um crescimento exponencial. A iniciativa envolve governos de mais de 50 países e uma série de outros agentes, como organizações não-governamentais ou empresas privadas que trabalham com o objetivo final conseguir promover a universalidade de acesso a água potável a condições sanitárias adequadas. De acordo com as últimas estatísticas, 2,3 mil milhões de pessoas vivem ainda sem estas condições (quase um terço da população mundial) e cerca de 844 milhões pessoas não tem acesso a uma fonte de água potável.



## Prémio APAV para a Investigação 2018: candidaturas abertas

Julho 26, 2018 0 comentários António Barata Postado em Imprensa 0 0 A A A

### RTILHAR



Visualizações: 4

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima promove em 2018 a quarta edição do **Prémio APAV para a Investigação**, com o apoio da Fundação Montepio.

O Prémio APAV para a Investigação destina-se a premiar trabalhos de investigação científica sobre temas ou problemas relacionados com a missão da APAV: Apoiar as vítimas de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima.

Estão abertas as candidaturas para o **Prémio APAV para a Investigação 2018**.

Condições gerais:

- O Prémio APAV será atribuído anualmente pela APAV a um trabalho inédito, desenvolvido em língua portuguesa.
- O Prémio APAV será atribuído a um trabalho que contribua para o conhecimento geral ou específico dos temas ou problemas relacionados com as vítimas de crime, ou para a melhoria de qualidade dos serviços de apoio à vítima em Portugal.
- O Prémio APAV será atribuído a um trabalho desenvolvido em áreas científicas diversas, tais como Direito, Psicologia, Serviço Social, Sociologia, História, Economia, Saúde, Antropologia, Criminologia, Vitimologia, Pedagogia, etc.

[Formulário de Candidatura \[Link\]](#)

[Consulte aqui o Regulamento \[PDF\]](#)

Envio de candidaturas até dia 15 de setembro de 2018.

### LACIONADO



/ e Josefina associam-se  
ra a violência doméstica



itos Tecidos em Manta –  
lhas de e sobre Família(s)

## APAV e Josefnas juntas contra a violência doméstica

Home / Sociedade, Última Hora / APAV e Josefnas juntas contra a violência doméstica

### PROCURAR NOTÍCIAS

Pesquisar ...

### ÚLTIMAS NOTÍCIAS PUBLICADAS

Piscinas Municipais encerram para manutenção

31/07/2018

Terminam hoje candidaturas ao Cabaz de Natal 2018

31/07/2018

APAV e Josefnas juntas contra a violência doméstica

31/07/2018



**A APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e a Josefnas associam-se para o lançamento da campanha “You Can Leave”, juntando-se, pela primeira vez, na luta contra a violência doméstica.**

Para apoiar as vítimas de violência, a marca portuguesa de calçado desenhou os modelos de ténis Leave, Speak e Strong, que já podem ser encontrados na loja online da Josefnas.

Cada um destes modelos reaproveita os símbolos usados nos cuidados a ter com a roupa, redefinindo-os com significados para as relações interpessoais como “não controlar”, “não culpar”, “não intimidar”, “não envergonhar” e “não magoar”.

Daniel Cotrim, supervisor técnico da rede nacional de Casas de Abrigo da APAV, sublinha o «reforço positivo» da campanha junto de quem decide sair de um processo de violência. Num país em que, por dia, 14 mulheres são vítimas de violência doméstica, a campanha You Can Leave é «uma mensagem de força e de esperança para todas as vítimas em silêncio», sublinha Daniel Cotrim.

Além da mensagem de apoio às vítimas de violência, a campanha assinada pela Josefnas reverte a favor da APAV. Cada par vendido possibilita à associação o apoio a cinco vítimas de violência doméstica, durante um mês, nas Casas de Abrigo da APAV.

A campanha You Can Leave prolongar-se-á durante um ano e conta com o apoio de figuras públicas como Ana Sofia Martins e Vanessa Martins.

## Portalegre: Violência conjugal faz aumentar pedidos de ajuda

Publicado em 26-07-2018



A violência conjugal está a aumentar em Portalegre. No primeiro semestre deste ano o número de casos acompanhados pelo Núcleo de Apoio à Vítima cifra-se em 55, mais sete do que o total registado no ano passado.

As mulheres continuam a ser as principais vítimas de violência física e psicológica, que na maioria das vezes acontece entre casais.

A responsável pelo Núcleo de Apoio à Vítima de Violência Doméstica (NAVVD) de Portalegre, Carla Batista, diz que "nos últimos meses tem aumentado os pedidos de ajuda".

Segundo Carla Batista, o número de processos sinalizados nos primeiros seis meses de 2018 já superam o total do ano passado e a maioria dos casos acontecem no concelho de Portalegre.

O NAVVD dá cobertura aos concelhos de Arronches, Campo Maior, Castelo de Vide, Elvas, Marvão, Monforte e Portalegre, nos restantes o apoio é prestado pela Associação de Apoio à Vítima (APAV).

Carla Aguiã

## Câmara assina protocolo com 24 instituições particulares de solidariedade social do concelho



18 julho 2018

A Câmara Municipal de Ponta Delgada, presidida por José Manuel Bolieiro, procedeu ao início da tarde de hoje à assinatura dos protocolos com 24 instituições particulares de solidariedade social do concelho (IPSS).

Um apoio que ascende aos 141.700,00 euros e respeita ao presente ano de 2018. O apoio por subsídio inclui 22 IPSS, num total de 55.000,00 euros. O apoio por Protocolo de Desenvolvimento, por seu turno, abrange 5 instituições, num total de 86.700,00 euros.

Na ocasião, o edil congratulou-se com o papel essencial das IPSS no apoio ao Estado em matéria de intervenção social. “O Estado não pode desistir da sua função solidária, mas também não pode impedir - deve antes apoiar - que os impulsos cívicos surjam nesta área e complementem as responsabilidades do Estado”, defendeu.

O autarca pontadelgadense acrescentou que a forma como os apoios são atribuídos no Município a que preside garante às instituições “previsibilidade, mas também independência, autonomia e pluralidade de financiamento”.

O Presidente, que tem privilegiado as políticas sociais, incentivou, igualmente, a promoção de atividades e de projetos que façam diferença na vida dos indivíduos, das famílias e da comunidade e possam merecer o apoio extraordinário do Município.

Recordou que este ano o regulamento apresenta algumas alterações face ao ano anterior e lembrou a obrigatoriedade de as instituições apresentarem os relatórios de execução.

Foram assinados Protocolos de Desenvolvimento com a APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada), Associação de Doentes de Dor Crónica dos Açores (“Projeto de Envelhecimento Ativo”), Centro Paroquial de Bem-Estar Social de São José (“Projeto RecrEar – Requalificar o Recreio”), Instituto Margarida de Chaves e UMAR – Associação para a Igualdade das Mulheres.

Também foram formalizados os apoios por subsídio a 22 IPSS do concelho, sendo que cada uma irá receber um apoio de 2.500,00 euros: ACAPO- Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal, Alternativa – Associação Contra as Dependências, Associação Alzheimer Açores, Associação Atlântica de Doentes Machado-Joseph, Associação de Doentes de Dor Crónica dos Açores, Associação de Pais e Amigos das Crianças Deficientes do Arquipélago dos Açores, Associação de Paralisia Cerebral de São Miguel, Associação de Surdos da Ilha de São Miguel, Associação para o Planeamento Familiar, Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo, Associação USenior, Casa de Povo de Capelas, Casa do Povo da Fajã de Baixo, Casa do Povo de Santo António, Centro de Terapia Familiar e Intervenção Sistémica, Centro Paroquial de Bem-Estar Social de São José, Centro Social e Paroquial da Fajã de Baixo, Centro Social e Paroquial Nossa Senhora das Neves, Instituto Bom Pastor- Lar Filomena da Encarnação, Novo Dia, Solidaried’arte – Associação de Integração pela Arte e pela Cultura e UMAR – Associação para a igualdade das Mulheres.



## Primeiras jornadas do Alto Alentejo Contra a Violência

Evento da APAV conta com presença da ministra Maria Leitão Marques



Ponte de Sor recebe a 12 de Outubro as primeiras jornadas do Alto Alentejo Contra a Violência. O evento é promovido pela APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) e decorre no Teatro- Cinema Municipal de Ponte de Sor.

De acordo com a APAV é a primeira vez que o Alto Alentejo é palco de discussão deste tema, numa reflexão partilhada com vários parceiros no apoio à vítima de crime.

A sessão de abertura conta com a presença da Ministra da Presidência e Modernização Administrativa, Maria Leitão Marques, além de João Lázaro, presidente da APAV e Hugo Hilário, autarca do município de Ponte de Sor.

As jornadas vão ter três temas em discussão 'Violência Doméstica: Da lei à intervenção'; Crianças e Jovens Vítimas de Crime' e 'Pessoas Idosas Vítimas de Violência e de Crime'.

## Associações consideram que residência alternada desprotege as vítimas

11.07.2018 às 18h16



As ONG fizeram uma carta aberta que será enviada aos grupos parlamentares. Para as associações, a alternância de residência é considerada um “modelo viável” apenas em algumas situações



CAROLINA REIS

**D**oze associações de defesa dos direitos das vítimas e em prol da igualdade de género fizeram uma carta aberta contra alterações na lei que imponham, como regra, a residência alternada de crianças filhas de pais separados. Isto é, os menores ficarem a morar, alternadamente, com o pai e a mãe depois do divórcio.

Estas ONG – entre as quais se encontra a APAV ( Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) e a Associação de Mulheres Juristas – consideram que se a lei for alterada, como defende uma petição que deu entrada recentemente no Parlamento, as vítimas de violência doméstica e de abuso sexual ficam desprotegidas e vulneráveis aos seus agressores e abusadores, já que as crianças passam a ser obrigadas a conviver com eles.

Para continuar a ler o artigo, clique [AQUI](#) (acesso gratuito para Assinantes ou basta usar o código que está na capa da revista E do Expresso, pode usar a app do Expresso – iOS e android – para fotografar o código e o acesso será logo concedido)